



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH - CAMPUS IV

LUCAS PINHO GUIMARÃES

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: ENTRE TEXTOS E IMAGENS DO
JORNAL O LIDADOR (1939 E 1941)**

Jacobina

2013

LUCAS PINHO GUIMARÃES

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: ENTRE TEXTOS E IMAGENS DO
JORNAL O LIDADOR (1939 E 1941)**

Monografia solicitada pelo professor Doutor Washington Luis Lima Drummond, como requisito final do Componente Curricular Pesquisa em História II do Curso de Licenciatura Plena em História do Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Jacobina

2013

LUCAS PINHO GUIMARÃES

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: ENTRE TEXTOS E IMAGENS DO
JORNAL O LIDADOR (1939 E 1941)**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em História e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Jacobina, ____ de ____ de 2013.

Prof. Dr. Washington Luis Lima Drummond – UNEB (Orientador)

Prof. Dr. José Carlos Félix – UNEB

Prof. Ms. Ivan Ramires Rios da Silva – UNEB

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 07 |
| Capítulo I. | |
| Benjamin a Visão do Passado e a Construção Historiográfica: O Século XX e a Expectativa da Guerra..... | 10 |
| Capítulo II. | |
| A Guerra Europeia e o Discurso Ideológico do Embate..... | 30 |
| Capítulo III. | |
| As Fotografias No Contexto da Guerra..... | 43 |
| Considerações Finais..... | 69 |
| Fontes..... | 72 |
| Referências..... | 73 |

RESUMO

A Segunda Guerra Mundial representa um marco para a sociedade contemporânea, inúmeros estudiosos se dedicaram ao entendimento desse acontecimento. Visando essa busca pela compreensão do fenômeno realizamos a presente análise, essa dissertação possui como base documental o jornal *O Lidador*, periódico que circulou na região de Jacobina-Ba entre 1933 a 1943, dentro dessa temporalidade foi escolhido um determinado período ao qual a pesquisa aborda 1939 e 1941. Construimos a interpretação sobre o contexto histórico, em questão, através da análise dos discursos entre textos e imagens contidos nas notícias divulgadas pelo jornal, iniciamos pela abordagem de construção historiográfica, com o método de estudo das fontes, caminhando posteriormente para a percepção do início do conflito entre potências mundiais, assim como, buscamos o entendimento da predominante ideologia britânica que perpassava as notícias do jornal. A percepção contida nas fontes nos forneceram indícios para interpretação do período, assim, figuras importantes no plano político transitaram pelas matérias, em algumas ocasiões, revestidos de heroísmo em outras assumindo a figura do inimigo.

Palavras-Chave: Jornal. Análise. Imagens. Discursos. Ideologia.

ABSTRACT

The Second World War represents a mark to the contemporary society. Many scholars devoted their studies to the understanding of this event. Aiming this search for the comprehension of this phenomenon, we realized this analysis. This research has as its evidence base the newspaper *O Lيدador*, journal that has its circulation in the surrounding of Jacobina-Ba during the period comprised the interval from the year 1933 to 1943. We built the interpretation about the historical context of the time through the analysis of the discourses between texts and images in the news reported by the newspaper. We started by the historiographical construction approach as a method of studying the sources going, then, to the perception of the beginning of the conflict between the world powers also aiming the understanding of the predominant British ideology perceive throughout the newspaper. The perception contained in the sources provided evidence to the interpretation of the period. This way, important personalities in the political realm were reported in the news sometimes like heroes and sometimes like enemies.

Keywords: Newspaper. Analysis. Images. Discourse. Ideology.

Introdução

Sobre a temática, Segunda Guerra Mundial, existe uma gama de produções que marcam o imaginário contemporâneo, como os filmes, documentários, séries, livros, História em Quadrinhos, desenhos e vídeo games. Mercadorias da Indústria Cultural, que transformaram a guerra em produto envolto na atmosfera mitificada, quando os conflitos complexos foram reduzidos à dualidade maniqueísta nas grandes telas dos cinemas e em variadas produções que influenciam nossa sociedade.

Para a nossa pesquisa documental analisamos o Jornal *O Lídador* como fonte de transmissão dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, para a cidade de Jacobina Bahia. No âmbito acadêmico, historiográfico, essa guerra constitui-se enquanto uma importante forma de estudo e compreensão da cultura contemporânea a partir do século XX.

O estudo ao qual se fundamenta essa monografia partiu das discussões realizadas pelo professor Dr. Washington Drummond nas aulas e nos debates do *Grupo de Estudos em Pós-Teoria*, assim como, nas abordagens dos componentes curriculares do curso de Licenciatura em História que compreendem o eixo Europa, especialmente a disciplina: *Cultura, Violência, Técnica: Teoria e História do Contemporâneo*.

As fontes utilizadas para pesquisa e desenvolvimento desse trabalho foram especificamente do jornal *O Lídador*, fundado em 07 de setembro de 1933, que permaneceu em circulação na cidade de Jacobina durante quase uma década, de 1933 a 1943, com publicações semanais. Analisamos um total de 72 edições do jornal cada uma contendo quatro páginas, com exceção de alguns exemplares de 1941¹ que por caráter especial² foram impressos com uma quantidade maior de folhas.

A disponibilidade desse material para pesquisa deriva-se do enorme trabalho de catalogação documental, realizado pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos de

¹ As edições em ordem foram: 346, 347, 349, 360, 361, 368, 369, 370 e 373, apenas a primeira contendo oito folhas e as demais com seis páginas.

² As edições continham um número maior de páginas devido o acréscimo de anúncios publicitários e imagens de caráter variado, também pelo conteúdo das notícias consideradas relevantes que tomaram muito espaço nas folhas do periódico.

Cultura e Cidade (NECC) do Departamento de Ciências Humanas Campus IV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Assim foi possível encontrar os arquivos necessários, selecionando-os a partir do acervo digitalizado.

O jornal *O Lidador* durante todo o período de sua circulação, detinha forte influência no cenário social de Jacobina, atuando como uma das principais fontes de informação, acessível à população. O público ao qual o periódico atendia era um pouco diversificado, pois uma parcela da sociedade jacobinense encontrava-se letrada³.

Na contemporaneidade a cidade de Jacobina localizada “*em uma região hoje classificada geograficamente como Piemonte da Chapada Diamantina, na Bahia*”⁴, com população superior a 79 mil habitantes⁵, detém um bom potencial para os estudos historiográficos dos acontecimentos, considerando sua representatividade e interação política com as regiões próximas durante todo século XX.

A guerra foi um evento singular, que marcou a sociedade de forma distinta. Seria importante compreender como Jacobina recebia essas notícias, considerando que tanto a cidade quanto *O Lidador* estavam, possivelmente, atrelados aos ideais nacionalistas políticos, exaltados na década “*seja por utilizar textos de autores de cidades circunvizinhas e de diversos intelectuais do país a respeito de suas crenças e ideologias (...) e a tentativa de sincronia com a busca de uma identidade nacional tão valorizada pelos modernistas*”⁶.

A presente monografia está dividida em três capítulos. No primeiro momento utilizando como base de inspiração teórica os pensamentos de alguns autores, historiadores e pesquisadores contemporâneos, especialmente Walter Benjamin, tratamos da construção historiográfica e o modo como lidamos com as fontes utilizadas ao longo do trabalho, seguido de uma análise panorâmica do século XX e posteriormente adentrando na expectativa do conflito que seria deflagrado entre as potências.

³ MENEZES, Adriano. OLIVEIRA, Valter. A Imprensa Verde-Amarela no Piemonte da Chapada Diamantina. In: *Culturas Urbanas na Bahia: Estudos sobre Jacobina e região*. Salvador: EDUNEB, 2009, p. 98.

⁴ Idem, p. 82.

⁵ Dados gerais do IBGE sobre a quantidade populacional de Jacobina.

⁶ Idem, p. 81.

Nesse âmbito um autor cuja presença pode ser considerada marcante foi Hobsbawm, um dos grandes estudiosos a respeito da guerra e suas implicações no âmbito dos estudos historiográficos. Sua obra demonstra um conhecimento aprofundado a respeito da temática e dela pretendemos extrair algumas considerações de suma importância.

Durante o segundo capítulo, pensando as questões que envolvem principalmente a noção de verdade, presente nos discursos ideológicos e as relações resultantes dos embates encontrados nas notícias do jornal, utilizamos a obra de Foucault, esta também se encontra diluída ao longo das análises realizadas com intuito de proporcionar alguma compreensão a respeito desse período conturbado da história.

As notícias presentes no periódico *O Lidador* tem influência das informações britânicas, construindo um discurso marcante em relação a sua participação enquanto potência que buscava soluções pacíficas e detinha uma postura heroica frente ao inimigo alemão. Assim nos apropriamos de algumas cenas da película nazista *O Triunfo da Vontade* para estabelecer relação, ou talvez, uma contraposição de algumas dessas ideias difundidas nas páginas do jornal.

No terceiro momento utilizamos principalmente as imagens como fonte de inspiração para o desenvolvimento do capítulo. No jornal havia um total de 26 fotografias sobre o contexto da guerra, em 1941, onde figuravam personalidades políticas e pessoas “comuns” no exercício de suas atividades cotidianas.

As imagens possuem um apelo especial para a sociedade contemporânea, essas fontes transmitem uma idealização singular a respeito do período, nesse sentido, procedemos com cuidado na tarefa de análise, pois não devemos encará-las como cópias féis da realidade, como todo documento utilizado pelo historiador, seria necessário à percepção da existência de uma intencionalidade dessas fotografias, que devem ser estudadas e abordadas durante a construção historiográfica.

Então com essas percepções sobre o pensamento histórico, iniciaremos a abordagem dos acontecimentos que resultaram no princípio de um dos maiores conflitos já registrados e amplamente divulgados pelos meios de difusão de notícias, à Segunda Guerra Mundial.

CAPÍTULO I

Benjamin a Visão do Passado e a Construção Historiográfica: O Século XX e a Expectativa da Guerra

No âmbito acadêmico existe uma enorme preocupação concernente ao modo como alguns temas foram tratados anteriormente pela historiografia. A guerra seria uma dessas temáticas, limitada pelo “ideal dos vencedores”, aqueles que escreveram sobre a história, quase sempre contam os acontecimentos partindo de um ponto de vista particular. Atualmente as pesquisas são orientadas a ampliar as formas de percepção do conhecimento, tentando ultrapassar esses limites pré-estabelecidos.

Os vencedores referenciados acima permitem a introdução de uma das concepções teóricas dessa pesquisa. Inspirada nos pensamentos do filósofo alemão Walter Benjamin seria preciso buscar uma historiografia diferente. Pois o historiador ao investigar o passado não precisa construir um enredo bem elaborado, onde todas as peças estão milimetricamente encaixadas, tão pouco, procura expressar seu julgamento pessoal para definir quem estava certo e condenar os errados, segundo Benjamin:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. (...) O dom de despertar no passado as centelhas de esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN, 1987, p. 224).

Mas quem são os vencedores? Aqueles que escreveram a historiografia de maneira unilateral, com uma atmosfera científica e acreditavam registrar absolutamente tudo o que era relevante para a sociedade. Entretanto, não devemos desmerecer essas construções historiográficas anteriores: sua utilidade reside justamente na possibilidade de análise dos conhecimentos, enquanto produção de saber, historicamente determinado.

A noção que precisamente norteia este trabalho seria o entendimento desse passado sem perder a ótica do presente. Não procuramos o ponto final em relação ao conhecimento histórico, queremos conhecer as versões que o passado pode nos

oferecer, com sua complexidade e as diversificadas formas de interação humana entre os sujeitos no tempo.

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele a redenção. Pois não somos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações. (BENJAMIN, 1987, p. 223).

Entretanto evitamos qualquer tentativa de “redenção” em relação ao passado. Os sujeitos que não podem mais contar sua história não desejam absolutamente nada do nosso presente, pois sua condição os impossibilita de realizar tais exigências, dificilmente conseguiríamos redimi-los inteiramente, procuramos apenas compreensão desses “ecos que emudeceram”.

Afinal somos todos influenciados pelo passado ele está diluído em nosso presente, tal qual o “sopro de ar”. Poderíamos tentar renega-lo, mas sua presença constante existe independente da nossa vontade, este passado reside na cultura, nos pensamentos, nas filosofias, porque qualquer instância das interações humanas está repleta de historicidade, inclusive, no modo como escrevemos á própria historiografia.

Benjamin ao tratar do “Anjo da História” inspirado no quadro “Angelus Novus” do pintor suíço Paul Klee, permite-nos dizer que o passado está em processo constante de desintegração, jamais será oferecido o direito aqueles que morreram de ter seus pensamentos e ações completamente restaurados pelos contemporâneos. Na alegoria, o tempo impulsiona esse anjo para o futuro desconhecido privando-o de qualquer tentativa de alcançar o passado:

Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. (BENJAMIN, 1987, p. 226).

O que o historiador consegue encontrar dos acontecimentos seriam apenas ruínas distantes que não cessam de desaparecer, essas mudanças ocorrem de maneira tão veloz quanto à força que impulsiona o “Anjo da História” para esse

futuro desconhecido. Unir esses fragmentos não seria uma tarefa possível, assim, o historiador constrói uma versão do passado repleta de lacunas buscando alguma compreensão.

Considerando essas ideias o sentido que buscamos no passado é significativo apenas para o presente, assim como a sociedade enfrenta períodos de mudança à visão ou forma como fazemos uso dos acontecimentos também deve condizer com a nossa contemporaneidade. Para Benjamin esse processo faz parte da elaboração de uma história a contrapelo⁷, perceber as nuances existentes e não guiar o pensamento apenas pelo que já foi escrito e historicamente cristalizado.

Dessa maneira, analisar a Segunda Guerra Mundial não se constitui uma tarefa fácil, devido a toda complexidade de relações que envolvem a construção historiográfica. Além disso, a guerra representa um dos acontecimentos mais marcantes para contemporaneidade, que incitou uma série de diferentes discussões sobre temas, como, a violência, a tecnologia, o poder e a própria vida na sociedade do século XX.

Mas afinal como definir esse contexto? O que foi o século XX? Sabemos que existem muitas formas de significação e conceituação que ressaltam aspectos diferenciados, nesse caso, faremos uma incursão rápida por algumas idealizações sobre o século em questão com intuito de construir uma percepção dessa temporalidade dos acontecimentos.

O historiador e pesquisador Hobsbawm em seu livro a *Era dos Extremos* começou realizando um olhar panorâmico sobre o século XX⁸ partindo de doze visões de pessoas que vivenciaram o período de modo distinto, entre músicos, escritores, ganhadores do Prêmio Nobel ou pesquisadores de áreas específicas, antropólogos e historiadores, dentre as perspectivas escolhemos duas noções que ressaltam muito a atenção:

Yehudi Menuhin (músico, Grã-Bretanha): “Se eu tivesse de resumir o século XX, diria que despertou as maiores esperanças já concebidas pela humanidade e destruiu todas as ilusões e ideais”.

⁷ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: *Obras escolhidas*. Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios Sobre a Literatura e História da Cultura. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 3ª edição. Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 225.

⁸ HOBBSAWN, Eric John Ernest. O século: vista aérea. In: *A Era dos Extremos: O Breve Século XX*. 2ª edição. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 11 – 26.

Franco Venturini (historiador, Itália): “Os historiadores não têm como responder a essa pergunta. Para mim, o século XX é apenas o esforço sempre renovado de entendê-lo”. (HOBSBAWM, 1995, p. 12).

Quanto à noção do músico Menuhin poderíamos entender que o século XX proporcionou uma nova percepção do homem com relação às mudanças ocorridas e a utilização constante da tecnologia incorporando-a nas vivências cotidianas dos indivíduos. Porém, paralelamente esse aparato técnico permitiu as maiores atrocidades contra a própria humanidade, as duas grandes guerras proporcionaram maneiras rápidas, potentes e extremamente eficientes de destruição em massa.

A partir das palavras do historiador Franco Venturini podemos traçar a seguinte observação sobre o século XX, assim como todos os períodos estudados pelo historiador, o desafio da historiografia se constitui enquanto um esforço necessário de entendimento dos acontecimentos. Nenhum conhecimento está pronto ou pode ser taxado como único e verdadeiro, devemos buscar a nossa compreensão a respeito do período ao qual dedicamos o estudo, ao mesmo tempo, que o constituímos como “fato” histórico.

Outra visão sobre o século XX, que introduz uma noção conceitual mais abstrata, seria a alegoria construída pelo historiador Nicolau Sevckenko encarando o período como a montanha-russa⁹. Essa ideia seria perfeitamente aplicável se entendermos que os trilhos da montanha-russa funcionam como o tempo, de modo figurado, considerando que quando o passeio começa é impossível retroceder, assim como, não se pode parar o tempo o carrinho não pode ser impedido, existe uma força o impulsionando, o que caracteriza nossa própria contemporaneidade:

Mais um tranco seco e uma subida aos solavancos. Nem um instante e já mergulhamos no precipício outra vez. Agora o carro chacoalha para os lados e arremete em curvas impossíveis, é total a certeza de que aquilo vai voar dos trilhos, catapultando pelo espaço até se arrebentar longe dali. Outro baque de subida, nem o tempo de piscar e a queda livre enche as vísceras de vácuo e faz o coração saltar pela boca. E agora, meu Deus, o loop...! Aaaaaaahhhhhhhh.....!!!! Rodamos no vazio como um ioiô cósmico, um brinquedo fútil dos elementos, um grão de areia engolfado na potência geológica de um maremoto. Nada mais nos assusta. Ao chegar ao fim desfigurados, descompostos, estupefatos, já assimilamos a lição da montanha-russa: compreendemos o que significa estar exposto às forças naturais e históricas agenciadas pelas tecnologias modernas. (SEVCENKO, 2001, p. 13).

⁹ SEVCENKO, Nicolau. Emoções na montanha-russa. In: A Corrida para o século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 11-13.

Esse fragmento retrata perfeitamente a construção de uma visão panorâmica do século. Os sujeitos que vivenciaram esse período de violenta convulsão histórica onde a guerra e as novas tecnologias se configuraram de maneira extremamente rápida causando transformações significativas, também vivenciaram um estreitamento de relação entre homens e máquinas, quando estas passaram a ocupar um papel relevante em todo o processo social¹⁰.

Mas esse processo referido não funciona de maneira perfeitamente lógica: as mudanças, os saltos, às variações, são imprevisíveis para aqueles que colocam suas vidas dentro da “montanha-russa”. Esse seria um século cheio de transformações que comporta uma série de novas interações no cotidiano dos indivíduos.

Após essa definição mais abrangente a respeito do século trataremos do período escolhido para essa pesquisa 1939 e 1941. Essa delimitação cronológica foi realizada porque a fonte escolhida, o jornal *O Lيدador*, abrange uma boa parte desse período, não oferecendo reportagens sobre o desfecho da guerra em 1945. A quantidade significativa de notícias possibilitou um estudo ainda mais aprofundado, a delimitação inicial do trabalho concentrou-se na análise das fontes fotográficas e escritas, das 72 edições analisadas, 44 são de 1939 com 75 notícias, os 28 exemplares restantes são de 1941 com 71 reportagens e 26 fotografias.

Contudo a quantidade de reportagens permite realizar uma interpretação relevante do período. Nesse sentido elaboramos a análise historiográfica abordando a discussão ideológica do conflito no jornal *O Lيدador*, considerando tanto o contexto anterior à eclosão da guerra em 1939 como também, seu início e posteriormente os primeiros anos dos combates.

Os territórios apresentados no interior das matérias do jornal serviram como plano de fundo dos acontecimentos históricos. As disputas que marcaram o período envolviam principalmente o potencial econômico de regiões da Ásia e África, essa postura economicamente agressiva das potências encontrava respaldo na noção de pertencimento ou direito sobre os territórios explorados.

¹⁰ SEVCENKO, Nicolau. Máquinas, massas, percepções e mentes. In: A Corrida para o século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 59-88.

Nesse contexto diversos personagens foram ressaltados pelas notícias, alguns considerados importantes no âmbito político, também aqueles cujo nome não detinha tanta representatividade, as pessoas “comuns” dentro da história, os soldados as mulheres os jovens e as crianças, indivíduos cujas faces não conhecemos, contudo é preciso salientar que todos tiveram sua parcela de participação histórica.

As fontes do periódico *O Lيدador* disponibilizadas em acervo digital pelo Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade (NECC) do Departamento de Ciências Humanas Campus IV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) possibilitaram o aparato necessário à pesquisa, oferecendo os alicerces sobre os quais desenvolvemos as análises e discussões concernentes à temática, a respeito do jornalismo. *Ciro Marcondes Filho* tratou da seguinte forma:

O que significa jornalismo, por que se discute a imprensa, qual a importância de se fazerem as notícias? Todas essas questões encerram a preocupação fundamental de estudiosos, pesquisadores e profissionais do setor de informação sobre o papel que desempenha a atividade periodística na sociedade. Criar jornais é encontrar uma forma de elevar a uma alta potência o interesse que têm indivíduos e grupos em afirmar publicamente suas opiniões e informações. É uma maneira de se dar eco às posições pessoais, de classe ou de nações através de um complexo industrial-tecnológico, que além de preservar uma suposta impessoalidade, afirmar-se, pelo seu poder e soberania, como “a verdade” (FILHO, 1986, p. 11).

Assim, permanece ao longo do trabalho essa noção da mídia jornalista dotada de poderes de representação das ideias ou opiniões de um determinado segmento da sociedade. As matérias apresentadas pelo *Lيدador* atendem de certa forma as expectativas do Reino Unido e do governo brasileiro, no tocante as notícias de guerra, especialmente porque, a grande maioria das informações encontradas sobre o tema derivou exatamente das fontes de notícia britânica.

Um dos principais motivos seria a implantação em 1938, no Brasil, do serviço de radiodifusão jornalística da BBC (British Broadcasting Corporation), empresa londrina fundada em 1922, que atua no ramo das comunicações de rádio e televisão¹¹. Responsável pela divulgação de notícias europeias, em nosso idioma, relacionadas a temáticas variadas, entre elas economia e política, tendo essas matérias resultado no aumento considerável de informações estrangeiras no país.

¹¹ BORGES, Gabriela. “A BBC fala e o mundo acredita”: o serviço brasileiro da BBC e a qualidade do jornalismo. N. 16. São Paulo: *Revista Galáxia*, 2008, p. 151-155.

Borges ao analisar o livro *Vozes de Londres: Memórias brasileiras da BBC* faz a seguinte consideração:

No primeiro capítulo, o autor conta a história da implementação e do funcionamento do serviço de jornalismo em língua portuguesa, assim como a sua experiência como jornalista da BBC. A primeira transmissão do Serviço Latino-Americano da BBC ocorreu na madrugada do dia 14 para o dia 15 de março de 1938. No discurso inaugural, o diretor-geral da BBC, John Reith, enfatizou que as notícias a serem transmitidas pelo serviço de rádio “seriam exatas e dignas de confiança” (p. 16). Desse modo, Reith enfatiza a relação de credibilidade e confiança estabelecida pelo serviço público com os seus ouvintes. Além disso, parece que profetiza o papel que a BBC desempenharia ao longo dos anos na comunicação entre os diversos continentes (BORGES, 2008, p. 152).

Nesse ambiente de relações midiáticas diplomáticas favoráveis o serviço prestado pela BBC a América Latina detém certa credibilidade passando a noção de informações confiáveis, implicitamente essa “confiança” implica no estabelecimento de uma transmissão de notícias consideradas verdadeiras¹², Dessa maneira, a radiodifusão permitiu o estabelecimento dos ideais britânicos relacionados à guerra e a outras questões.

Apesar do jornal não trazer tal especificação da relação de suas reportagens com o plano internacional, nossa hipótese é que o canal de comunicação que enviava as fotografias para redação do *Lidador* pertencia também a BBC denominado nas referências das imagens como “British News Service” (Serviço de Notícias Britânico), indicando que houve um estreitamento de relações com a implantação do sistema de comunicação no Brasil.

Além disso, em algumas reportagens existe menção a utilização de informações divulgadas pelo rádio, entretanto essa colocação poderia passar despercebida porque não há referência direta a BBC. Nesse caso chamamos a atenção para o fato, pois nos fragmentos dos documentos utilizados na construção dessa narrativa esse importante detalhe pode não permanecer evidente.

Em 1939 a BBC transmitia três horas diárias de programas em português e espanhol. Estas incluíam o noticiário, entrevistas com personalidades da América Latina em visita ao Reino Unido, musicais, programas especiais sobre os países latino-americanos e comentários sobre a atualidade política, econômica e cultural. O serviço foi sendo adaptado de acordo com as opiniões e as queixas dos ouvintes, como quando houve uma alteração do horário de emissão das 22h45 para as 20h. (BORGES, 2008, p. 152).

¹² BORGES, Gabriela. “A BBC fala e o mundo acredita”: o serviço brasileiro da BBC e a qualidade do jornalismo. N. 16. São Paulo: *Revista Galáxia*, 2008. P. 151-155.

O periódico entrou em atividade a partir de 1933 permanecendo em circulação até 1943, transferido de Mundo Novo para Jacobina-BA onde adotou a denominação de *O Lidador*. Essa mudança de localidade seria fruto de desavenças políticas, pois o diretor e proprietário Nemésio Lima teria utilizado das páginas do jornal para difundir algumas de suas ideias, de base integralista, aparentemente contraditórias ao pensamento de algumas autoridades do período como constatou o escritor Adriano Menezes, mas que encontraram ressonância em Jacobina e nas mudanças políticas ocorridas em todo estado:

Diante de algumas constatações, tais como a postura integralista do diretor proprietário do jornal *Mundo Novo*, Nemésio Lima, vista em vários números posteriores do jornal *O Lidador*, pode-se deduzir que a cidade de Jacobina não teria sido apenas refúgio para um perseguido político, mas também sua sincronia com o que estava ocorrendo em quase todo o estado, através das alianças do interventor federal Juracy Magalhães e as novas lideranças políticas locais, jovens coronéis, no caso específico de Jacobina, Francisco Rocha Pires, que, posteriormente, tendo a mídia a seu serviço, seriam eleitos para o poder legislativo estadual, assim como as relações ambíguas do então presidente da República, Getúlio Vargas e o integralismo em nível nacional. (MENEZES, 2009, p. 85).

Nesse contexto de mudanças em lideranças políticas, influenciadas pelos coronéis que estavam disputando o poder público, ao qual Jacobina estava atrelada em 1930 o periódico *O Lidador* se estruturou e encontrou meio fértil para o seu desenvolvimento, tornando-se um jornal relevante para uma parcela letrada da sociedade jacobinense.

Entretanto, segundo Menezes, o público ao qual *O Lidador* atendia não se constituía da sociedade jacobinense por completo, pois a população brasileira enfrentava e combatia o analfabetismo, embora o autor reconheça que durante o período existia sim um público “variado”, talvez formado por diversos segmentos sociais que não fossem apenas pertencentes às autoridades, as famílias dos coronéis ou servidores públicos.

Uma possível invenção da comunidade de leitores para o jornal *O Lidador*, em dezembro de 1933 ano da sua fundação na cidade de Jacobina, não pode contar necessariamente com toda esta sociedade, a priori por saber que a maioria da população brasileira não sabia ler ou pouco tiveram acesso à escola. Entretanto, ao pesar a leitura (...) pode-se deduzir que o público leitor não era feito apenas dos indivíduos que tinham acesso a leitura, mas de uma sociedade que versava sobre o padrão de beleza do corpo e, por extensão, o uso da palavra escrita. (MENEZES, 2009, p. 98).

Após realizar tais considerações adentramos na apreciação crítica das fontes, primeiramente traçaremos um panorama a respeito das notícias que antecedem a

guerra e à medida que introduzirmos as matérias realizaremos as discussões sobre, como essas informações foram utilizadas pela imprensa jacobinense. Lembrando que tais matérias publicadas pelo periódico constituem uma grande fonte de pesquisa que possibilita uma ampla análise.

Porém como qualquer documento de pesquisa histórica precisamos “problematizá-lo”, ou seja, realizar uma interpretação crítica considerando os eventos descritos apenas como uma visão do acontecimento, isso não lhe garante de forma alguma um status de verdade absoluta, nenhuma fonte de qualquer natureza pode ser considerada inquestionável. É preciso expor que toda produção documental está sujeita a diversas situações como, por exemplo, omissão de informações, equívocos na escrita, influências de grupos políticos, entre outras.

Os artigos do jornal *O Lيدador* iniciam falando sobre a guerra a partir de fevereiro de 1939 tecendo um pequeno esboço a respeito da tensão noticiada no período, alguns meses antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial. A reportagem em questão demonstra a soberania europeia e como as decisões tomadas afetariam o âmbito mundial:

A Guerra Vem de Roma

S. Paulo U.J.B. - Quando os chefes dos governos totalitários e democráticos reuniram-se em Munich para decidirem os destinos da Europa fumegante, uma grande parte da Humanidade sofria, então violenta tensão nervosa. Todos esperavam a guerra. Essa Guerra tenebrosa que mudará a face do mundo e a diretriz dos povos.

Mas a guerra não veio. A Checoslovaquia foi sacrificada impunemente. Hitler e os hunos abocanharam uma considerável parte do território da grande republica de Benes. (LIDADOR, 1939, ed. 273, p. 4).

O trecho em questão nos indica um determinado olhar sob a experiência da guerra para seus contemporâneos, esse fato que marcaria profundamente a sociedade no século XX e que mudou especialmente a forma como olhamos para os combates atuais à medida que percebemos o quanto devastador pode ser um conflito nessas proporções.

Essa reportagem aborda a conferência de Munique onde se configuraram negociações entre potências mundiais visando estabelecer uma espécie de acordo sobre os “direitos” das suas respectivas nações em outros territórios. Entretanto nenhuma das medidas demonstrou eficiência ou acordo durante as negociações, essas não passaram apenas de um paliativo, antes da eclosão do conflito.

Esse artigo foi escolhido para o início dessa abordagem, porque possui informações marcantes e uma frase específica “*Todos esperavam a guerra*”¹³, essa passagem serve para incitar discussões a respeito do acontecimento denominado Segunda Guerra Mundial. Não seria viável para aqueles que vivenciaram o período conhecerem o destino da Europa, mas a imprensa demonstrava que o mundo sofreria as consequências dessa reunião.

As potências europeias permaneciam em clima de tensão tão forte que a reportagem reconhecia o terror enfrentado pelas populações mundiais, pois a guerra não era mais uma realidade distante ou desconhecida já existia uma visibilidade a seu respeito se considerarmos a ainda recente Primeira Guerra Mundial e os conflitos internos recorrentes da crise no interior dessas nações¹⁴.

Outro trecho da mesma matéria traz a seguinte ideia: “*é um ciclo histórico que se encerra e outro que se inicia*”¹⁵. Utilizando esse gancho surgem inquietações em relação ao tema como, por exemplo, naquele momento entendiam a guerra como algo que forma ciclos? Esses ciclos terminam e recomeçam? Em qual sentido uma reunião que visava o estabelecimento de relações aparentemente diplomáticas, marca o “fim” de algo e o início de outra “coisa”?

E Chamberlain foi a Roma colher na cidade eterna um galinho de ouro. Ia novamente salvar a paz. Mas pelo que dizem os telegramas a missão do <prémier> falhou graças a atitude da França que se mostrou intransigente e recusou-se até entrar em discussão sobre assunto que considera liquidado. Os ministros ingleses estão de volta a Londres. E estamos certos de que Chamberlain, como primeira medida, conferenciará com o Ministro da Guerra.

A guerra que se quis evitar está em marcha. Somos propensos a crer que nada evitará.

É um ciclo histórico que se encerra e outro que se inicia. (LIDADOR, 1939, ed. 273, p. 4).

O título do artigo “*A Guerra vem de Roma*”¹⁶ nos sugere que esse conflito começou após uma última tentativa de estabelecimento da paz empreendida pelo primeiro ministro britânico Chamberlain. Entretanto tal contexto seria derivado da conferência realizada em Munique, onde as lideranças europeias resolveram

¹³ Jornal O LIDADOR, 1939, ed. 273, p. 4.

¹⁴ HOBBSBAWN, Eric John Ernest. Rumo ao abismo econômico. In: A Era dos Extremos: O Breve Século XX. 2ª edição. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 90 - 112.

¹⁵ Jornal O LIDADOR, 1939, ed. 273, p. 4.

¹⁶ Idem.

debater a respeito dos seus “direitos” sob algumas regiões do mundo, em pauta estariam à Córsega a Tunísia, Djibuti, entre outras.

Outro aspecto curioso da notícia seria essa inevitabilidade do combate. A guerra aparece representando uma força impossível de ser impedida, como se todas as medidas possíveis não tivessem efeito algum. Essa preocupante previsão tornou-se um acontecimento de proporções gigantescas, pois a diplomacia não resolveu as pendências entre as nações.

A insatisfação gerada devido à falta de concordância nas negociações teria finalizado qualquer tentativa de manutenção da paz, assim, o combate “estaria em marcha¹⁷”. Curiosamente a figura do primeiro ministro britânico apareceu associada a uma ideia de manutenção da paz, enquanto a figura de Hitler apareceu em associação ao povo outrora denominado “bárbaro” os hunos.

Não houve nesse texto nenhum comentário ou discussão de alguém ligado à redação, nessa edição do jornal, mas a crescente necessidade de tratar das questões relativas às tensões europeias passaram, a partir daí, a ser noticiadas com maior constância nos periódicos.

É interessante perceber como algumas notícias aparecem de maneira tímida ou descompromissada, uma pequena nota no jornal diz: “*A Inglaterra concordou com uma tríplice aliança com a França e a União Russa Soviética!*”¹⁸, somente essa nota no canto superior da página faz menção ao envolvimento, entre algumas, das maiores potências mundiais. Entretanto existe certa contrariedade curiosa, seria o uso dessa mesma frase estampada na parte superior dessa primeira folha do jornal indicando que a informação possuía alguma relevância no contexto.

Mesmo com a crescente disputa europeia a imprensa jacobinense permanecia noticiando os acontecimentos de maneira distante, com pouco aprofundamento, nesse momento inicial. Certamente a guerra é algo preocupante, mas para quem? O único sinal de preocupação que a reportagem em questão demonstra, seria talvez, o ponto de exclamação no final da frase.

¹⁷ Jornal O LIDADOR, 1939, ed. 273, p. 4.

¹⁸ Idem, ed. 284, p. 1.

Outra reportagem aborda certa tensão presente entre a Alemanha e a Polônia. Ao tratar do discurso feito pelo ministro polonês das relações exteriores Backer a qual incitou uma postura enérgica contra os alemães mesmo que isso significasse uma declaração de guerra. Tal comportamento encontrava respaldo em duas potências, a Inglaterra e a França, apesar da notícia apenas referir-se aos franceses.

A Palavra da Polônia

Nos círculos oficiais alemães considera-se um desafio ao chanceler Adolfo Hitler, os termos do discurso do Ministro do Exterior da Polônia, Cel. Backer, especialmente quando dis que a Polônia não aceitará a paz a qualquer preço.

A oração do Cel. Backer teve, do povo francês, a mais entusiástica aprovação (LIDADOR, 1939, ed. 284, p. 1).

Segundo as informações do *Lidador* esses comentários existentes no interior dos círculos sociais alemães, apontavam o discurso polonês como um desafio ou ofensa direta a figura de Hitler, entretanto, essa seria uma provocação que o próprio Führer estava disposto e ansioso para responder levando em consideração que a Polônia foi o primeiro alvo da iniciativa alemã quando ocorreu a eclosão da guerra.

Nesse ambiente de desconfiança ou estranhamento entre potências mundiais. Constantes movimentações táticas foram realizadas. A Inglaterra, por exemplo, assinou um acordo com a Turquia¹⁹ com a finalidade de posicionar-se estrategicamente seus navios de guerra. Ao mesmo tempo a Alemanha estava se configurando enquanto a “grande ameaça” do período, nesse sentido alianças foram formadas visando certo protecionismo em caso de um ataque declarado por parte dos alemães que mantinham uma forte associação com a Itália.

Paralelo a estes acontecimentos Hitler realizava em “Dantizg”, ou Danzig cidade portuária ocupada pelos nazistas, várias manobras militares utilizando armamentos pesados com fins de proporcionar treinamento tático militar²⁰. Logo, outras potências aumentariam o nível de vigilância em relação aos alemães, taxados de conquistadores pela matéria, “*O mundo arma-se, une-se, e fica vigilante contra os conquistadores*²¹” no jornal da seguinte forma:

¹⁹ Jornal O LIDADOR, 1939, ed. 285, p. 1.

²⁰ Idem, ed. 287, p. 1.

²¹ Idem, ed. 287, p. 4.

A Inglaterra e a França Propuzeram á Russia a inclusão da Belgica e Suíça no pacto de assistencia mutua.

O grande pacto Anglo-Franco-Russo está em vias de conclusão, garantindo a paz no mundo ou, no caso de uma declaração de guerra por parte da Alemanha-Italia, um conjunto de forças capazes de repelir os invasores.

É bem certo o proverbio: <se queres a paz, preparas a guerra>. (LIDADOR, 1939, ed. 287, p. 4).

Contudo a ideia de união entre todas as nações contra a Alemanha, seria demasiadamente exagerada, pois não haveria possibilidade alguma dos soldados alemães conseguirem enfrentar as forças militares de todas as potências, que teoricamente estariam “trabalhando em conjunto”. Essa postura seria apenas mais um efeito do “discurso de verdade” elaborado pelos britânicos e reafirmado nos jornais brasileiros.

Uma das matérias que apresentou alguns comentários é aparentemente creditada a um autor e refere-se à ofensiva japonesa no extremo oriente no tocante à concessão inglesa na China. Segundo o autor da reportagem Marques Ribeiro esse conflito não estaria ligado apenas aos assassinatos dos chefes chineses “simpáticos” aos japoneses havia, também, outros interessados no conflito como Alemanha e Itália que esperavam o enfraquecimento dos governos democráticos no oriente o que beneficiaria essas potências em um combate que não estava muito distante de ocorrer.

O Japão não se contenta com a posse das terras e a escravização dos homens. Quer o predomínio comercial. Por outro lado, o enfraquecimento das posições inglesas no comércio do Extremo Oriente interessa muito particularmente á Itália e a Alemanha, para dias futuros, quando estes paizes, econômica e financeiramente aviltados, precisarem lançar-se á guerra, para ainda uma vez ludibriar o povo, com mais uma patriotada perniciosas. (LIDADOR, 1939, ed. 288, p. 1).

Além disso, o modo como Ribeiro associou os interesses alemães e italianos à ideia de “*ludibriar o povo, com mais uma patriotada*”²², proporciona o pensamento a respeito da utilização de algum suposto sentimento de nacionalidade, que faria a população apoiar as decisões das suas respectivas potências quando chegasse o momento do combate.

O trecho ainda faz uma leve referência ao estado das potências depois da Primeira Guerra, quando diz: “*econômica e financeiramente aviltados*”²³, demonstra a debilidade na qual Alemanha e Itália se encontravam, tal condição seria também,

²² Jornal O LIDADOR, 1939, ed. 288, p. 1.

²³ Idem.

um fator motivacional para planejar a mobilização populacional e empreender a guerra como meio de alcançar um melhor status econômico.

Considerando que após a Primeira Guerra Mundial especialmente a Alemanha foi responsabilizada pelo conflito ficando a mercê das potências vencedoras, essas elaboraram uma espécie de acordo que visava ressarcir parcialmente os prejuízos resultados do embate o pacto denominado Tratado de Versalhes delegava para Alemanha a obrigação de prover essa indenização, além disso, os alemães perderam boa parte dos seus territórios e foram obrigados a restringir seu potencial militar.

Em todas as reportagens analisadas não havia sequer a dúvida se a guerra realmente aconteceria. Aparentemente a sombra da guerra pairava sobre a Europa, seria apenas uma questão de tempo até que todas as peças estivessem bem posicionadas nos locais de favorecimento estratégico e o combate fosse oficialmente declarado.

Nesse contexto, cabe um diálogo com os escritos do autor contemporâneo Eric Hobsbawm em seu livro *A Era dos Extremos*, quando propõe fazer uma espécie de revisão sobre o modo como essa história foi escrita, encarando a Primeira e Segunda Guerra como apenas um acontecimento²⁴. Especialmente pelo modo com as interações permaneciam tensas, enquanto se agravavam os problemas econômicos e sociais impulsionando uma retomada do conflito entre nações.

Meu objetivo é compreender e explicar *por que* as coisas deram no que deram e como elas se relacionam entre si. Para qualquer pessoa de minha idade que tenha vivido todo o Breve Século XX ou a maior parte dele, isso é também, inevitavelmente, uma empresa autobiográfica. Trata-se de comentar, ampliar (e corrigir) nossas próprias memórias. (HOBSEAWM, 1995, p. 13).

A partir dos jornais analisados não existe algum tipo de consenso no tocante a compreender a Segunda Guerra como um acontecimento separado da Primeira, tão pouco, um simples resultado do conflito inicial. Para todos os efeitos, com associação ou não, todas as potências se preparavam para a guerra o que aparentemente assombrava a imprensa em 1939.

²⁴ HOBSEAWM, Eric John Ernest. A era da guerra total. In: *A Era dos Extremos: O Breve Século XX*. 2ª edição. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 29 - 60.

Uma notícia que talvez auxilie na compreensão da colocação acima refere-se a uma espécie de ensaio para guerra. Pesando a partir da seguinte cena: Em 8 de julho de 1939, o sul da Inglaterra encontrava-se na escuridão, todas as luzes foram cortadas, o barulho dos aviões começaram a surgir, havia ameaça de bombardeio eminente? As pessoas assustadas provavelmente correriam para procurar um abrigo? O que fazer em uma situação como essa? Tudo não passava de uma estratégia do governo para treinar a população simulando um ataque aéreo que em breve seria realizado também na capital.

Treinando a população contra possíveis ataques, aéreos, a parte sul da Inglaterra foi submetida, à noite de 8 do corrente a um ataque aéreo simulado, apagando-se para esse fim, todas as luzes da cidade. A capital será oportunamente submetida á mesma prova. (LIDADOR, 1939, ed. 288, p. 4).

Esse seria o caráter pedagógico da guerra, os conflitos ensinaram aos governantes as decisões políticas e diplomáticas, aos generais ou militares de alta patente como comandar seus exércitos, utilizando um nível maior de estratégia, proporcionou a especialização dos soldados e doutrinou a população civil a manter-se em estado de alerta.

Em outra ocasião, demonstrando força militar a França realizou um desfile comemorativo em relação à Queda da Bastilha em 1789, temática que envolve a conhecida Revolução Francesa, quando seria possível tratar dos ideais de Liberdade, Igualdade e Justiça, mas essa noção não entraria diretamente no contexto em questão. O evento mais interessante neste desfile foi o pronunciamento do embaixador norte-americano que evidenciou a tensão dizendo que “*A França e os Estados Unidos não têm necessidade de formulas para se entenderem mutuamente porque já estão unidos pelo amor*”²⁵.

Reduzindo a uma relação “amistosa” todo um complexo sistema de interesses em atividades econômicas mantidas por essas nações, através do equilíbrio delicado de acordos comerciais estabelecidos ao longo dos anos. Considerando também que essas potências detinham interesses em comum e uniram seu poderio bélico formando o bloco dos Aliados que durante a guerra enfrentariam seus opositores do Eixo.

²⁵ Jornal O LIDADOR, 1939, ed. 289, p. 1.

Essa palavra “fórmula” normalmente aplicada na composição química de medicamentos nos implica pensar as relações sociais como uma espécie de “receita científica”, algo que funciona corretamente somente enquanto respeitamos os limites que nela está imposto do contrário os resultados certamente seriam desastrosos. Entretanto o uso do termo “amor” chama mais atenção, afinal que relação amorosa é essa que os Estados Unidos mantiveram com a França? Será mesmo que existia entre essas potências uma convivência tão harmoniosa? Ou talvez o embaixador estivesse no cumprimento do seu dever reiterando o posicionamento militar norte-americano?

Além dessa simulação, Londres aprovou a construção de hospitais com capacidade para 300 mil leitos, cujo título da reportagem era “*Um Grande Hospital de Sangue*²⁶”, fazendo uma referência lógica à quantidade de feridos que surgiriam em decorrência de uma guerra que estava prestes a começar afinal os preparativos e decisões foram tomados pelos governantes.

Enquanto isso a Rumania armava-se visando sua proteção, conhecida atualmente pela denominação Romênia, um país da Europa Ocidental. Havia em relação a essa maneira de proteção certas garantias oferecidas pela Inglaterra, estas foram mencionadas pelo jornal, mas não deixava evidente qual o tipo de acordo existente entre a Inglaterra e a Rumania.

Uma reportagem extremamente interessante proporcionava ao conhecimento público o preço das unidades de alguns equipamentos utilizados na guerra como, por exemplo, tanque, aeronaves, metralhadoras, canhões, bombas, porta-aviões, entre outros equipamentos. Contudo o que chama atenção nessa reportagem diz respeito aos fabricantes de armas da seguinte forma:

<Facet Digest,> revista americana, publicou recentemente uma relação de preços de cada um dos armamentos de guerra, preços que convertidos em moeda brasileira são os seguintes:

<Do armamento dos Exércitos: uma metralhadora custa em média 12:000\$000; uma bomba, uns 300\$000; um canhão-de-campanha de 37 m/m, uns 20:000\$000; um tanque tipo grande, cerca de 1,600:000\$000 e um aeroplano de bombardeio chega a custar 2,000:000\$000. Na Marinha, são estes os preços das belonaves maiores: um cruzador moderno 220.000:000\$000; um navio porta-aviões... 380,000:000\$ um Cruzador de batalha, 600,000:000\$000.

²⁶ Jornal O LIDADOR, 1939, ed. 289, p. 1.

Eis aí o preço fabuloso desses armamentos que preocupam a humanidade em nossos dias. Os seus fabricantes ganharam rios de dinheiro com eles, pois que naturalmente, são vendidos em excelentes condições; gozando ainda essa espécie de negócio umas tantas garantias que outros negócios não conhecem. Sabe-se, por exemplo, que durante a Grande Guerra, havia um acordo tacito entre os magnatas da industria de aço, francesa e alemã, para que não fossem bombardeados os seus estabelecimentos industrias... (LIDADOR, 1939, ed. 291, p. 4).

Ao analisar esse trecho não compreendemos melhor as relações entre guerra e Capitalismo, pois o custo da guerra é altíssimo e as armas são necessárias. Uma das dúvidas que permeiam essa reportagem seria, onde estavam os grandes produtores de ferro e aço? Certamente não foram encaminhados para o front, tão pouco, seus setores industriais foram os primeiros a serem bombardeados. Aparentemente as escrivatinhas dos escritórios “protegeram” aqueles indivíduos responsáveis pela manutenção da indústria armamentista. Por outro lado, percebemos que o Capitalismo se vale da guerra como negócio o que se intensificaria por todo o século XX.

Nesse caso a reportagem intitulada “*Carne para Canhões*²⁷” retrata friamente somente a quantidade máxima de homens em cada nação que possivelmente serviriam para serem utilizados na guerra entre as nações, recorrendo a dados retirados do alistamento obrigatório, ou seja, esses homens representados apenas pelas variadas numerações forneceriam a força de vida necessária para alimentar a guerra.

Uma das mais recentes estatísticas, pacientemente organizadas pela Folha da Manhã, de São Paulo, referente aos homens que terá, cada país, em caso de guerra, é a seguinte:
 IMPERIO BRITANICO - 600.000 homens do exercito regular, excluídas as reservas; 2.000.000 de soldados, em caso de recrutamento.
 ESTADOS UNIDOS - Exército regular descontadas as reservas 200.000 homens; recrutamento possível: 10.000 000 de soldados.
 JAPAO – Regular: 1.250.000 homens; recrutamento 6.000.000.
 França – Tropas regulares, 708.000 homens, recrutamento 4.4000.000.
 ITALIA – Exercitos e Fascis- 400 000 homens, recrutamento 5.000.000.
 ALEMANHA – Exercito e <nazis>, 1.000.000. recrutamento 8.000.000 incluídos os territorios anexados.
 RUSSIA – Exercito 1.300.000 homens recrutamento 16.000.000.
 (LIDADOR, 1939, ed. 292, p. 4).

Outra pequena matéria curiosa e contraditória apresentava a noção que os Estados Unidos estariam dispostos a enviar “esforços” para ajudar os nazistas a conquistarem alguns dos seus objetivos, desde que tomassem essas medidas de

²⁷ Jornal O LIDADOR, 1939, ed. 292 p. 4.

maneira pacífica. Talvez essa notícia fosse apenas outra tentativa de estabelecer algum acordo ou compensação que os nazistas logicamente não aceitaram.

Mas Dantzig O Nazismo Não Levara Sem Balas!

Rio 17 – Informam de Washyngton que a política norte americana está inclinada a enviar esforços para que a Alemanha possa conquistar pelos meios pacíficos o que ela pretende conquistar pela força. (LIDADOR, 1939, ed. 292, p. 4).

Logo o jornal de 17 de Agosto de 1939 noticiou o final das tentativas de manutenção da paz. Uma espécie de resumo dos principais acontecimentos trazia informações importantíssimas, como por exemplo, o acordo de não agressão assinado entre Berlim e Rússia, assim como referenciou outros pactos assinados entre Hungria e Rumania, ou, o acordo de auxílio entre a Grã-Bretanha e Polônia.

Porém o fato que destacamos nessa notícia seria considerado da seguinte forma: assim como um jogo de Xadrez onde as peças devem ser dispostas em suas respectivas ordens de ocupação das casas do tabuleiro, o fim de qualquer possibilidade de acordo foi dissipado com a convocação dos embaixadores que permaneciam em solo estrangeiro a guerra começaria sem demora cada cidadão que buscasse retornar a sua pátria:

Rio 24 – As autoridades consulares britanicas em Berlim, receberam ordens de embarcar, com destino ao seu paiz, todos os cidadãos ingleses.

As embaixadas franceza e britanica retiram-se de Berlim

Rio 24. Todo o pessoal, pertencente ás Embaixadas franceza e britanica, encontra-se, desde ontem, pronto para deixar Berlim, em face da reiterada decisão daqueles dois paizes, de irem á guerra caso a Polonia resolva repelir a provavel invasão alemã. (LIDADOR, 1939, ed. 293, p. 1).

Ao término dessa abordagem inicial convém discutir o “marco”, o início da guerra, o jornal *O Lidador* anunciava o conflito na reportagem cujo título estampava a primeira página da seguinte forma: “*Para satisfazer as suas ambições, o ditador alemão acaba de conduzir o mundo à guerra!*”²⁸ Levando essa afirmativa exaltada convém analisar essa colocação:

O bombardeio das cidade Polonesas foi iniciado na manhã do dia 1

As notícias recém-vindas, pelo radio, da capital do Paiz, criaram, em nosso meio, uma atmosfera de desolação e expectativa, em face do desencadeamento da guerra germano-poloneza, acerca de cujos motivos o publico se encontra perfeitamente esclarecido.

A febre guerreira dos paizes totalitários, de par com seus desejos reprováveis de expansão por meio de conquistas, está a merecer, da parte

²⁸ Jornal O LIDADOR, 1939, ed. 294, p. 1.

dos povos livres, formal e decisiva repressão, para que não generalize semelhante prática e não venhamos a sofrer as consequências da nossa indiferença.

Assim compreendendo, a Inglaterra e a França reúnem as suas forças, afim de acudir a nação Polonesa, alvo das ambições de Chanceler alemão.

A estas horas, centenas de pessoas que nasceram para viver felizes são lançadas barbaramente á boca dos canhões e da metralha destruidores. (LIDADOR, 1939, ed. 294, p. 1).

A palavra ditador, presente no título, encerra em si um caráter de autoritarismo fazendo referência ao Chanceler alemão Adolf Hitler cujo nome não foi citado. Convenientemente a decisão de levar o mundo à guerra seria sua responsabilidade, um indivíduo que aparentemente não se preocupava com as consequências de suas ações, movido inteiramente por interesses particulares. Seria esse sujeito dotado de tamanha capacidade de comando para dobrar a nação alemã a sua vontade? Essa ambição cercava apenas o ditador?

Certamente essas perguntas perpassam a análise das fontes e fazem parte do modo como interpretamos os acontecimentos. Pois as potências traçaram seus planos de ação e fizeram do mundo seu palco de combate, responsabilizando o governo alemão especialmente o alto comando, para justificar as supostas ações defensivas.

Como a ideia de “febre” que pode causar fortes convulsões em qualquer indivíduo, essa mesma sensação levou os guerreiros dos respectivos países totalitários aos delírios de grandeza e conquistas territoriais. Nesse sentido as populações mundiais sofreriam a frente das armas, transformando-se em escudo de guerra contra a iniciativa alemã.

Essa forma de percepção ressalta a forte oposição entre regimes que existiu no período. Em uma vertente estavam os governos totalitários Alemanha, Itália e Japão, onde o poder aparece concentrado nas mãos de poucos e essa “febre” conquistadora impera. Em oposição ao totalitarismo, estavam os governos democráticos compostos por potências como, Estados Unidos, Inglaterra e França, que pregavam ideias como liberdade e igualdade de direitos.

No drama que se desenrola através das matérias do jornal analisado os povos “livres” deveriam intervir para que o mundo não fosse dominado pelas forças contrárias. Os “bonzinhos da história”, futuros vencedores desse combate adentraram a favor da Polônia aparentemente sem nenhum interesse que não

representasse uma motivação nobre pela manutenção da paz. Porém na prática as nações se enfrentaram com a mesma ferocidade, independente das pregações ideológicas exaltadas pelos jornais.

A guerra de gases se baseará nos recordes de destruição, com riscos levados *ad absurdum*. Se o início da guerra se dará no contexto das normas do direito internacional, depois de uma declaração de guerra, é discutível; em todo caso, seu fim não estará condicionado a limitações desse gênero. Sabemos que a guerra de gases revoga a distinção entre população civil e combatente, e com ela desaba o mais importante fundamento do direito das gentes. A última guerra mostrou como a desorganização que a guerra imperialista traz consigo ameaça torná-la interminável. (BENJAMIN, 1987, p. 63).

Portanto a lição contida nessa citação seria a não existência de argumentações suficientes que justifiquem o direito que alguma nação demonstrou possuir ao incitar qualquer espécie de conflito, a guerra sempre representou a submissão dos ideais à racionalidade técnica. As ações empreendidas foram extremamente brutais, seja do governo alemão, russo, americano, britânico, japonês, italiano ou francês. A consequência das movimentações de todas as nações foi à contagem de corpos, nenhum saldo pode ser considerado positivo, este resultado deve ser compreendido como simplesmente a banalização da morte em prol da estupidez e ganância das nações, sob o império do desenvolvimento tecnológico.

CAPÍTULO II

A Guerra Europeia e o Discurso Ideológico do Embate

Não seria um grande segredo revelar que a Segunda Guerra Mundial dividiu as nações entre concepções políticas e ideológicas distintas, e que em determinado período havia duas vertentes gerais: os Aliados - Estados Unidos, Reino Unido e União Soviética. Contra os países do Eixo - Alemanha, Itália e Japão.

O bloco composto pelos “Aliados”, havia um antagonismo latente, a concepção Capitalista defendida principalmente pelos norte-americanos, embora não fossem os únicos, em oposição ao Comunismo difundido internacionalmente pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Contudo não existe nesse texto a pretensão de estabelecer uma longa discussão entre estas vertentes capitalistas e socialistas, analisadas mais profundamente por diversos historiadores que preferiram focar a estrutura econômica social. O objeto desse capítulo é analisar um debate, algo diluído no interior das reportagens, apontando talvez um caminho distinto, onde os discursos estariam repletos de “heróis e vilões”.

Nos estudos que seguem existe uma conversa entre a produção do discurso ideológico resultando na concepção de verdade encerrada no interior das páginas do jornal e analisada ao longo do texto, convém então explicitar de qual apreciação discursiva estamos buscando compreensão, utilizando o Dicionário de Conceitos Históricos extraímos a seguinte definição:

Assim, a Análise do Discurso constitui uma metodologia que tem como objetivo explicar como o discurso funciona historicamente e como transmite uma ideologia. Nessa disciplina, a ideologia é definida como o direcionamento político dado aos sentidos do discurso. Ou seja, ideologia é a tendência que temos de atribuir uma única interpretação aos diversos significados de um discurso. (SILVA; SILVA, 2009, p. 101-102).

Considerando esse conceito “discurso” como algo estritamente ligado ao conjunto de ideias que formam uma ideologia e está última difundida pelo jornal como “efeito de verdade”, constituída enquanto base para compreensão histórica dos acontecimentos escritos no jornal *O Lيدador*, pois a difusão da ideologia política britânica permeia cada reportagem encontrada.

Como abordado no final do capítulo anterior em uma guerra e na construção historiográfica não devemos definir quem estava certo, errado ou qual ideia seria a mais importante, porque ao ofício do pesquisador não compete tamanha responsabilidade. Mas percebendo a construção ideológica no jornal, conseguimos identificar no interior das reportagens esse discurso existente, entre notícias que apresentavam os conflitos de “heróis e vilões” como afirma Hobsbawm:

Mesmo o mundo que sobreviveu ao fim da Revolução de Outubro e um mundo cujas instituições e crenças foram moldadas pelos que pertenciam ao lado vencedor da Segunda Guerra Mundial. Os que estavam do lado perdedor ou a ele se associavam não apenas ficaram em silêncio ou foram silenciados, como foram praticamente riscados da história e da vida intelectual, investidos do papel de “o inimigo” no drama moral de Bem versus Mal. (HOBSBAWM, 1995, p. 14).

Logo esse drama moral ao qual o autor se refere serve como indício das composições que permeiam as reportagens do *Lidador*. Nas fontes em análise ainda não havia um meio propício de afirmar quem seriam os vencedores do combate, entretanto a influência britânica nas reportagens de guerra delimitava o caminho daqueles que escreveriam a história após o acontecimento.

Com intuito de transmitir de maneira mais objetiva à inquietação no âmbito da análise dessas fontes, podemos utilizar certamente a percepção foucaultiana em relação ao modo como o poder se apropria dos mecanismos de transmissão das notícias como objetivo de construção e legitimação do discurso de verdade, sobre suas ações durante a Segunda Guerra.

O que tentei investigar, de 1970 até agora, *grosso modo*, foi o *como* do poder; tentei discernir os mecanismos existentes entre dois pontos de referência, dois limites: por um lado, as regras do direito que delimitam formalmente o poder e, por outro, os efeitos de verdade que este poder produz, transmite e que por sua vez reproduzem-no. Um triângulo, portanto: poder, direito e verdade. (FOUCAULT, 1979, p. 100).

A respeito dessa ótica foucaultiana, deliberadamente nos afastamos do segundo ponto do “triângulo”, a perspectiva do direito, pois nesse momento o interesse seria buscar a interação entre o poder e a verdade, essa última compreendida enquanto produto do discurso do poder no contexto histórico em questão. O âmbito do direito seria uma ótima discussão para outra ocasião, uma vez que as várias tentativas de conseguir manter a diplomacia foram ignoradas pelas respectivas nações que proclamam seus “direitos” sobre boa parte do mundo.

Nesse sentido, a guerra em curso era noticiada frequentemente pelo *Lidador*, com algumas reportagens dentro de um bloco de notícias que geralmente traziam o título de “A Guerra Europeia”, afinal a frente de batalha estava longe dos territórios brasileiros. Então o conflito seria atribuído primeiramente àqueles responsáveis pela deflagração do embate.

Os exércitos alemães enfrentavam os adversários poloneses, que segundo as informações resistiam bravamente perdendo muitos soldados e sendo forçados a recuar: “*A luta tem sido encarniçada, custando centenas de vida cada palmo de terra que os polonezes são forçados a ceder ao invasor*²⁹”.

Nessa primeira reportagem, sobre a Guerra Europeia, as notícias que foram divulgadas derivavam do rádio da emissora instalada em território brasileiro BBC responsável pelas notícias estrangeiras, à redação do jornal ouviu as informações e escreveram as novidades da frente de batalha. Além da pequena descrição sobre a bravura polonesa, havia informações sobre quantidade de presos poloneses e relatava o deslocamento das forças militares alemãs para combater os franceses que apareciam em auxílio à Polônia.

Os comunicados de Berlim informam que as posições avançadas das tropas sob comando do Sr. Hitler já puzeram a capital poloneza ao alcance da artilharia alemã.

Por outro lado, informam de Varsovia que o recuo das tropas polonezas está sendo feito por uma questão de tática militar.

Os oficiais alemães são unânimes em elogiar a bravura do adversário. (LIDADOR, 1939, ed. 295, p. 1).

A notícia nos apresenta uma percepção cômica da história. De modo unânime os oficiais alemães teriam elogiado a coragem polonesa? A guerra tornou-se uma espécie de jogo? Adversários se enfrentam no campo de batalha mantendo a honra e o respeito para com o inimigo? Podemos compreender a partir da reportagem como o jornal auxiliava na reprodução do discurso predominante no período.

O aspecto exaltado no texto seria a bravura dos poloneses ao enfrentar o inimigo nazista, nesse sentido as reportagens sempre estabelecem como ponto de princípio a discordância em relação ao caráter dos alemães e procuram construir uma visão favorável sobre aqueles que resistiram à dominação. Joseph E. Brant autor contemporâneo em seu livro *Segredos da Guerra Psicológica* apresenta uma

²⁹ Jornal O LIDADOR, 1939, ed. 295, p. 1.

objetiva análise a respeito de como as informações são utilizadas na propagação radiofônica de ideologias dominantes:

A Segunda Guerra Mundial entrará na História não somente como precursora da guerra automatizada e da destruição maciça de centros urbanos populosos, senão também como pioneira da guerra psicológica em grande escala. Não é demais afirmar que o advento da radiofonia exerceu uma profunda influência e provocou grande transformação em certos aspectos da tática e da estratégia, principalmente pelas possibilidades quase ilimitadas de seu uso como arma de subversão e desmoralização de nações e exércitos. Com efeito, nunca as nações dispuseram, anteriormente, de uma arma tão sutilmente destrutiva, como se pode tornar, em certas circunstâncias, a palavra propagada através do espaço. (BRANT, 2001, p. 10).

Essa utilização dos meios de informação para desconstruir a própria representação da força que o inimigo possuía, seria quase um roteiro de filme em execução onde os heróis combatem bravamente seus archi-inimigos, estes nada poderiam fazer nesse desfecho somente permaneceram com a constatação que mesmo em desvantagem os nobres combatentes poloneses conseguiram triunfar sobre os soldados alemães.

A Polônia nesse período estava sobre forte domínio nazista se considerarmos que a Alemanha ficou conhecida pelo estilo rápido de conquista denominado “blitzkrieg” ou “guerra relâmpago”, portanto atribuir o recuo dos poloneses a manobras táticas que fazem o inimigo aparentar falta de planejamento, seria exatamente a demonstração da utilização das informações noticiadas para desconstrução do poderio militar alemão. Assim como Brant afirmou a despeito das possibilidades de subversão e desmoralização do inimigo através das investidas no âmbito psicológico.

Contudo o trecho referente ao comportamento político brasileiro sem dúvida chama atenção, pois aparentemente pela ordem do governo federal foi proibida a discussão a respeito da guerra. Isso demonstra a insegurança do país em relação ao lado que deveriam escolher no embate, na dúvida seria necessário esperar, não defender ou atacar ideologicamente nenhum dos lados, o texto em questão trazia a seguinte ideia:

É proibido “torcer”...

Ouvimos pelo radio que o governo federal baixou instruções com vistas a todas as autoridades do país, no sentido de tomarem providencias capazes de evitar, por parte dos brasileiros e estrangeiros residentes no país, toda e

qualquer discussão em torno da guerra europeia. (LIDADOR, 1939, ed. 295, p.1).

A matéria apresenta uma perspectiva interessante, pois enquanto os rumos do embate ainda não estavam bem delimitados, as decisões políticas brasileiras visavam um não envolvimento direto ou apoio militar a qualquer uma das potências presentes no acontecimento. Essa aparente “neutralidade” provavelmente significava uma tentativa de manter intactas as relações diplomáticas, levando em consideração que no primeiro momento a guerra seria considerada necessária apenas entre as populações europeias.

Em 1939 quando a guerra foi formalmente declarada o Brasil manteve-se com uma postura política retraída, com o intuito de evitar qualquer indisposição em relação às potências mundiais. Posteriormente em 1942 com o acirramento do conflito e as pressões políticas internacionais, principalmente dos Estados Unidos da América, o país terminou decidindo pelo combate as forças nazifascistas.

Existe uma latente contrariedade encerrada na pequena reportagem, pois o governo britânico passava para os leitores jacobinenses a ideia de uma desorganização do exército alemão, que enfrentava sérias dificuldades na ocupação da Polônia, mas na prática nada estaria bem definido, pois a guerra estava apenas em seu início, muitos acontecimentos ainda envolveriam e marcariam o conflito entre as nações.

Em outra reportagem a guerra aparece trazendo o número de mortes, entre mulheres e crianças em torno de 15.000, causadas pelo bombardeio alemão na Polônia. Enquanto isso França e Inglaterra estavam reiterando seu propósito de continuação da guerra até que o regime “hitleriano”, segundo o jornal “*implantado por um grupo de aventureiros*”³⁰ fosse derrotado:

A Inglaterra e a França que entraram no conflito em auxílio da Polônia, e em cumprimento do tratado de Paz, assinado pelos países envolvidos na grande guerra de 1918 perante o mundo civilizado já reiteraram os seus propósitos de levar avante, a guerra, até final liquidação do regime hitleriano, < implantado por um grupo de aventureiros > naquele grande país, após a grande guerra. (LIDADOR, 1939, ed. 296, p.1).

O aparecimento da Inglaterra e França como as duas grandes potências que lutam pela manutenção da paz conduziria os indivíduos ao pensamento: quem

³⁰ Jornal O LIDADOR, 1939, ed. 296, p.1.

estaria “errado” no conflito? Se os alemães empreenderam uma guerra sem saber das consequências, apenas obedecendo ao impulso de um grupo de “aventureiros” que estavam no poder e cujo único objetivo seria atender os interesses próprios e os sonhos de grandeza de seu líder o Führer Adolf Hitler. A matéria procura reforçar a ideia de que as duas potências eram pacíficas e dirigidas por políticos sóbrios que visavam o bem estar social.

Esse ponto de percepção detém uma influência sobre o modo como os soldados alemães seriam encarados pelas notícias como uma espécie de fantoches os quais adentraram no confronto para atender a um grupo belicista e inconsequente. Outra questão que pode resultar dessa análise seria: todo combatente de guerra possui a noção exata de por que suas respectivas nações estariam em guerra? O objetivo pode ser associado à ideia de protecionismo de um suposto estilo de vida?

Afinal esses mesmos combatentes, ingleses, alemães, ou soldados pertencentes a qualquer outra nação, não estariam todos lutando pela manutenção do status de poder de suas respectivas nações, enquanto o discurso velado pela imprensa sugere subliminarmente que existem “mocinhos” e “bandidos” nessa história, reduzindo uma séria de motivações sociais, políticas e econômicas a dualidade maniqueísta. Ao poder das nações enquanto produtoras de ordem social estariam estabelecidas com o propósito de defender seus interesses como verdade, seria talvez necessário discutir esse aspecto sob a ótica foucaultiana:

Em uma sociedade como a nossa, que tipo de poder é capaz de produzir discursos de verdade dotados de efeitos tão poderosos? Quero dizer que em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. (FOUCAULT, 1979, p. 101).

Utilizando essa noção do discurso enquanto verdade as potências transportaram a guerra ao âmbito ideológico, havia uma necessidade latente de atribuir sentido aos massacres ocorridos no campo de batalha, pois os soldados precisavam de alguma motivação, além disso, as pessoas estavam atentas às notícias, especialmente no tocante as justificativas para os embates. Essa construção de sentido envolto no ideal de proteção ou defesa contra o cruel inimigo,

muitas vezes personificado pela descrição do caráter perigoso de Adolf Hitler seria a forma que as potências encontraram para legitimar seu discurso como verdade. Em outra reportagem, o autor refere-se a Varsóvia, capital da Polônia, quando seguindo as ordens do ditador Adolf Hitler os soldados alemães atacavam impiedosamente qualquer resistência posta em seu caminho:

De Varsovia informam que as forças polonezas continuavam resistindo heroicamente aos bombardeios alemães. As forças sob o controle de Hitler prepararam uma ofensiva tremenda para a conquista da capital polonesa, onde os aviões despejam centenas de bombas, destruindo-a deshumanamente (LIDADOR, 1939, ed. 297, p. 4).

Ao observar atentamente como essa pequena matéria possui elementos que designam uma construção tendenciosa como, por exemplo, os poloneses resistem “heroicamente”, contra uma ofensiva que utilizou o poderio bélico alemão com a finalidade apenas de causar morte e destruição, planejada e executada pelas forças comandadas pelo Führer. Identifica-se aqui uma visão personalista e despolitizada dos acontecimentos históricos que beira o positivismo onde o indivíduo é realçado em detrimento dos processos sociais.

Adolf Hitler transita pela grande maioria das matérias, afinal pode um homem sozinho representar tamanha ameaça? Sua mente maquiavélica conseguiria essa façanha de dominação completa sob toda a nação alemã? Para compreender essas questões podemos utilizar a argumentação do próprio para construir uma perspectiva sob sua visão social.

Visando abordar esse “anti-herói” mundialmente combatido, traçaremos um panorama resumido sobre sua personalidade, a partir de algumas fontes de conhecimento público o filme *O Triunfo da Vontade* e o livro *Mein Kampf*. Ressaltando somente que essa análise pretende uma construção a respeito do “personagem” forjado e mitificado no discurso do período.

Helena Amália Bertha Riefensthal tornou-se muito famosa pelo roteiro e direção do filme. A película foi elaborada e completamente estetizada para transformar o 4º Congresso do Partido Socialista Alemão em uma “obra prima”, moldada para transmitir os ideais nazistas e proporcionar a construção imagética do Führer Adolf Hitler enquanto um herói, o símbolo da supremacia ariana.

O cinema seria uma das principais ideias pedagógicas utilizadas por Adolf Hitler que em seu livro, *Mein Kampf*, exaltou a potencialidade existente nos filmes para a construção da consciência política dos jovens, visando o futuro da Alemanha³¹. Walter Benjamin enxergava esse mesmo potencial no cinema, contudo alertava para o modo como os alemães estavam se apropriando da técnica para distorção dessa possibilidade de conscientização das massas:

O sentido dessa transformação é o mesmo no ator cinema e no político, qualquer que seja a diferença entre suas tarefas especializadas. Seu objetivo é tornar “mostráveis”, sob certas condições sociais, determinadas ações de modo que possam controlá-las e compreendê-las, da mesma forma como o esporte o fizera antes, sob certas condições naturais. Esse fenômeno determina um novo processo de seleção, uma seleção diante do aparelho, do qual emergem, como vencedores, o campeão, o astro e o ditador. (BENJAMIN, 1987, p. 183).

O filme tornou-se o veículo de disseminação de ideologias políticas, permitindo ouvir e visualizar as ações de modo inteligível, a técnica permitiu esse contato. Contudo o procedimento gerou uma “seleção”, aqueles que emergem perante as lentes das máquinas, talvez os mais capacitados a dominá-las, foram os “vencedores, os astros e o ditador”, assim o cinema se apresenta as massas com uma estética ideológica definida e pronta para ser consumida.

O *Triunfo da Vontade* possui diversos elementos para compreensão sobre o modo como o nazismo atuava não apenas no âmbito narrativo mais investiu modernamente na produção de imagens. Nesse texto especificamente utilizaremos algumas imagens que nos proporcionam a concepção que o nazismo quer compor do Führer. Utilizando os ensinamentos do filósofo Walter Benjamin, sobre a reprodutibilidade técnica, percebemos que a mesma permitiu e ainda possibilita formas diferenciadas de compartilhamento das imagens.

Em contraste, a reprodução técnica da obra de arte representa um processo novo, que se vem desenvolvendo na história intermitentemente, através de saltos separados por longos intervalos, mas com intensidade crescente. Com a xilogravura, o desenho tornou-se pela primeira vez tecnicamente reprodutível, muito antes que a imprensa prestasse o mesmo serviço para a palavra escrita. Conhecemos as gigantescas transformações provocadas pela imprensa a reprodução técnica da escrita. Mas a imprensa representa apenas um caso especial, embora de importância decisiva, de um processo histórico mais amplo. (BENJAMIN, 1987, p. 166).

³¹ HITLER, Adolf. In: **Mein Kampf**. São Paulo: Moraes, 1983. Disponível em: <http://www.radioislam.org/historia/hitler/mkampf/pdf/por.pdf> Acesso: 20/09/2013.

As consecutivas mudanças históricas trazem ao foco de análise diferentes perspectivas, a imprensa, assim como, essa utilização da fotografia a partir da reprodutibilidade, fazem parte do modo como construímos a análise do trabalho, levando em consideração que essa mesma reprodução permitiu um maior acesso as nossas fontes.

Além disso, o potencial imagético descoberto com o auxílio do cinema serviu amplamente a variados propósitos, especialmente no âmbito ideológico o nazismo utilizou esse recurso para difusão dos seus ideais políticos. Entretanto o crédito sobre tal uso não se resume com exclusividade aos alemães, afinal as nações construíram suas próprias idealizações de verdade, veremos então o cinema a serviço da ótica nazista.

Imagem 1 -



Fonte: *O Triunfo da Vontade*, 1936.

Nessa primeira imagem as moças aparentavam animação, felicidade e ansiedade, todas praticamente em fila aguardando para cumprimentar Hitler, que aparece com uma expressão e comportamento amigável. Logicamente distante da visão de “inimigo” construído nas páginas dos jornais sua figura surgiu personificado como um herói que reestabeleceria a antiga glória alemã demonstrando tanto a liderança enérgica quanto a docilidade de um “pai”. A partir do texto *Imagens de Guerra e Massacres Midiáticos* podemos estabelecer a seguinte ideia do assunto:

Segundo o filósofo alemão Peter Sloterdijk (2002), essa vulgaridade já se encontra exemplarmente na hitlermania, cuja idealização horizontal é “uma

autoadoração da mais lasciva mediocridade tendo o Führer como meio público de culto (DRUMMOND; SAMPAIO, 2011, p. 92).

Pensando esse aspecto da visão construída e idolatrada do líder como herói, pautada a princípio nas telas do cinema, seria também uma pretensão do próprio Hitler levantada em seu livro *Mein Kampf* ao perceber a potencialidade do meio cinematográfico para educação especialmente da juventude alemã. Nesse sentido a obra assume a intencionalidade de ser cultuada, construída cuidadosamente para de alguma forma permitir aos ideais nazistas a possibilidade de influenciar a população.

Essa noção pode ser constatada ao longo da película e nas imagens selecionadas nesse texto. Na próxima fotografia, por exemplo, o líder alemão aparece em meio ao grande público, momentos antes de iniciar um dos seus discursos que detinha a pretensão de “inspirar” a população, afinal essa postura demonstra a extensão do poder ideológico nazista.

Imagem 2 -



Fonte: *O Triunfo da Vontade*, 1936.

Imagem 3 -



Fonte: *O Triunfo da Vontade*, 1936.

Contudo nessa última imagem o ditador aparece em uma postura aparentemente mais “humilde”, saudando as tropas, de “dentro” delas, ao mesmo tempo em que estas prestam seu respeito e admiração ao Fhürer. Como toda construção ideológica que estabelece certa apologia a uma figura que se pretende heroica, Hitler na película foi praticamente aclamado pelo público que demonstrava sua admiração pelo líder, é um indicador de conhecimento público que a obra foi cuidadosamente planejada para passar uma impressão positiva sobre o regime hitlerista, o interessante seria perceber como a construção do discurso de verdade associada à produção de imagens, foi bem elaborada, com o intuito de legitimação do poder de comando existente.

Em seu livro *Mein Kampf* o Fhürer Adolf Hitler faz uma síntese dos seus pensamentos e anseios políticos, começemos então pelo resumo do contexto em questão. A Alemanha enfrentou um período de crise devastador após a Primeira Guerra Mundial devido às sanções estabelecidas pelo Tratado de Versalhes que reduziram drasticamente os recursos de uma potência que se encontrava a algum tempo debilitada.

Nesse ambiente de instabilidade e insegurança Adolf Hitler elaborou sua justificativa para a terrível crise que assolava a Alemanha, uma teoria conspiratória

que atribuiu a motivações políticas, econômicas e religiosas internas uma justificativa na qual esses problemas estariam presentes na questão racial, resultado da traição de um povo específico os Judeus, seu foco primeiro foi à elaboração de um ataque ideológico:

Os maiores conhecedores das possibilidades do emprego da mentira e da calúnia foram, em todos os tempos os judeus. Começa, entre eles, a mentira por tentarem provar ao mundo que a questão Judaica é uma questão religiosa, quando, na realidade, trata-se apenas de um problema de raça e que raça! Um dos maiores espíritos da humanidade perpetuou em uma frase imorredoura o julgamento sobre esse povo, quando os designou como "os maiores mestres da mentira". Quem não reconhecer essa verdade ou não quiser reconhecê-la, não poderá nunca concorrer para a vitória da verdade neste planeta. (HITLER, 1983, p. 100).

O Fhürer construiu sua percepção de verdade, atribuindo responsabilidade ao "inimigo interno", os judeus, que estariam minando as bases da sociedade alemã, essa "verdade" se constituiu enquanto discurso ou recurso utilizado para atribuir responsabilidade a outras pessoas a despeito da derrota alemã na Primeira Guerra Mundial. Contudo tal ideia tomou enormes proporções, pois a partir dessa noção massacres em massa foram conduzidos nos campos de extermínio construídos pelos nazistas para eliminação desse povo, os judeus, e de qualquer outro indivíduo contrário aos ideais nazistas.

Assim Hitler defendia uma ideia deturpada da existência de uma superioridade racial germânica, para alcançar tal objetivo empreendeu uma campanha extremamente agressiva de "purificação racial" elevando o povo que considerava mais capacitado para governar e exterminar completamente os demais grupos étnicos.

Ao estudar essa questão podemos dizer que o Fhürer tem sua parcela de responsabilidade histórica, não devemos esquecer que seu modo de atuação representa o descaso com a existência humana, pois a crueldade do período da guerra não estaria encerrada em suas mãos, porque todas as potências que participaram do conflito detinham a responsabilidade pelas consequências resultantes de suas ações.

Enquanto a guerra assolava a Europa no Brasil vemos nos jornais de *O Lيدador* algumas reportagens com pequenas anedotas sobre a guerra e a postura dos países em relação ao conflito, essas matérias possibilitavam adentrar em temas

delicados no tocante as relações políticas entre as potências mundiais, em uma das notícias aparece a seguinte ideia:

Com a guerra, chovem os trocadilhos, mais do que as granadas. A respeito da atitude da Espanha, que se mantém neutra: “Depois da ajuda que a Alemanha deu ao general Franco, - francamente!...”

Pura maldade: diz-se que o povo português comprou todo o estoque de vaselina que existia no pai, para envasilinar os telhados das casas, como medida de precaução contra bombardeios aéreos. A granada bate, escorrega e não estraga a casa... (LIDADOR, 1939, ed. 298, p. 3).

Críticas estabelecidas respectivamente aos governos que assumiram uma aparente neutralidade a despeito dos embates que envolveram as potências mundiais e que findavam por compor alianças com Eixo. Essa reportagem demonstra que apesar do caráter de não envolvimento e dos acordos visando manutenção da paz em seus respectivos países, seria praticamente impossível, garantir a segurança ou a própria ideia de permanência à margem do conflito.

Nesse sentido o estabelecimento das pretensões de paz entre as nações partem especialmente de Londres, como percebemos anteriormente a intencionalidade britânica de construir sobre si uma imagem favorável e heroica mostrando-se, nas reportagens, sempre dispostos a negociação ou utilização do poder bélico que possuíam para “defender” aqueles sobre os quais a sombra do inimigo alemão pairava.

LONDRES, 4 (A. P.) O governo britânico deixou a porta aberta para estudos de qualquer plano de paz, que tenha o sr. Hitler a oferecer, por intermédio de algum país neutro; porém, acredita que as atuais manobras diplomáticas visam simplesmente um paradeiro, antes da intensificação das operações de guerra.

A opinião pública britânica, através os órgãos da imprensa, apoia, firmemente, as declarações do Sr. Chamberlain, de que a Inglaterra estudará qualquer proposta nazista de paz, mesmo com promessas <sem crédito> do sr. Hitler violadas por ele mesmo. (LIDADOR, 1939, ed. 299, p. 1).

Nesse contexto os britânicos apareceram assumindo uma postura considerada politicamente correta, construindo a idealização da disposição em estabelecer um acordo visando à paz. Entretanto será que tal proposta traria algum benefício para Alemanha? Ou a intencionalidade seria apenas elaborar mais um discurso heroico? A elaboração desse discurso aparentemente desprezido de interesses se constituiu enquanto construção da imagem social pacifista britânica.

Capítulo III

As Fotografias no Contexto da Guerra

A imagem possui algo de singular para a contemporaneidade ela é um instante que representa o eternizado, permitindo o estabelecimento de diversas relações temporais, assim durante esse capítulo nos dedicamos ao seu estudo. O filósofo Flusser apresenta esse caráter “mágico” da imagem que proporciona ao observador a possibilidade de vaguear seu olhar sobre os acontecimentos passados que surgem tão vívidos nas fotografias.

Ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vaguear do olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos. Assim, o “antes” se torna “depois”, e o “depois” se torna o “antes”. O tempo projetado pelo olhar sobre a imagem é o eterno retorno. O olhar diacroniza a sincronidade imaginística por ciclos. (FLUSSER, 1985, p. 7).

Ao analisar essas fotografias foi necessário cuidado, pois ao mesmo tempo em que o acontecimento apresenta-se tão próximo da visão, não significa que esteja verdadeiramente mostrando o real. A imagem é o congelamento de um instante e às vezes os discursos que dela derivam estão muito cristalizados, cabendo ao pesquisador a difícil tarefa de interpretá-las.

Deveríamos desconfiar do que tomamos como passado, congelado nos monumentos, livros, imagens e memória, ele sempre estará em perigo para um historiador benjaminiano⁷. As linhas de combate, os arranjos, as fugas, perdas e vitórias que garantem no presente um passado, o estigmatizam como verdade, turvando as águas que ainda guardam as lembranças da luta e da rapina. (DRUMMOND, 2010, p. 4 - 5).

Após essas considerações adentramos na análise a respeito das fontes fotográficas contidas no *Lidador*, afinal as imagens possuem uma relação direta com o contexto atual, mas historicamente devemos percebê-las como fonte, elas devem ser estudadas criticamente. Para o historiador a foto seria um objeto de pesquisa dotado de uma intencionalidade, como todo documento, mas esse contato também possibilita uma visão diferenciada que nenhuma outra fonte possui.

O que fascina e me mantém encantado nas fotografias que amo? Creio que se trata simplesmente disso: a fotografia é para mim, de algum modo, o lugar do Juízo Universal; ela representa o mundo assim como aparece no último dia, no Dia da Cólera. Certamente não é uma questão de tema; não quero dizer que as fotografias que amo são as que representam algo grave, sério ou mesmo trágico. Não; a foto pode mostrar um rosto, um objeto, um acontecimento qualquer (AGAMBEN, 2007, p. 27).

Esse fascínio que as imagens exercem sobre nós, muitas vezes disfarçadas de pretenciosas verdades dos acontecimentos, seria somente um instante eternizado pela lente de uma máquina cujas mãos e os olhares humanos operavam. A intenção escondida sobre a luz de cada flash ou das técnicas utilizadas não estaria estampada no interior da fotografia, mas não haveria como negar sua existência.

Nesse sentido discutiremos essas fontes imagéticas. O jornal apresenta um total de 26 fotografias relacionadas ao período da guerra, em 1941. Estas demonstram alguns aspectos interessantes a respeito desse contexto do conflito, nos propusemos a analisar algumas destas e construir a partir delas a percepção passada pelo periódico *O Lيدador* dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial.

As imagens foram enviadas por via aérea para *O Lيدador* que destacava o caráter especial de receber estas fontes de notícia no jornal. A BRITISH NEWS SERVICE (Serviço de Notícias Britânico) que atuava em Londres durante o período da Segunda Guerra Mundial como fonte de transmissão de notícias variadas a respeito do conflito, seria a responsável pelas fotografias. Esse “A British News Service” se constituiu enquanto referência aos correspondentes da BBC (British Broadcasting Corporation), pois como salientado anteriormente o serviço de radiodifusão foi instalado no Brasil em 1939, facilitando o intercâmbio de informações.

As imagens, pelas descrições contidas nas legendas, foram entregues por via aérea provavelmente através dos correspondentes, à hipótese elencada seria que os serviços prestados pela BBC incluíam esse compartilhamento de informações, entretanto as fontes analisadas não oferecem nenhum esclarecimento a respeito dessa relação.

A primeira imagem encontrada no jornal em relação à guerra mostrava a ação estratégica britânica de ocupação das regiões do “Oriente Próximo”, na Líbia, nesta foto percebemos os soldados no exercício de suas atividades adotando uma postura aparentemente protecionista, sugerida também pelas indicações que acompanham a sua legenda.

Imagem 1 - Soldados Britânicos do Próximo Oriente em operações no deserto da Líbia. (<British News Service>, especial para <O Lídador> por via aérea).



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 346, p. 1.

A foto não foi seguida por matérias que explicassem as condições enfrentadas pelos soldados durante essas operações na Líbia. Entretanto essa seria uma das regiões onde foram travados alguns combates. Nesse sentido convém algum esclarecimento a respeito dos acontecimentos, através das ideias do escritor e pesquisador Tayeb Chenntouf:

A Primeira Guerra Mundial aparecera como um conflito entre europeus, desenrolado na Europa. A Segunda Guerra Mundial transforma a África setentrional e o chifre da África em zonas de combate; a mobilização militar afeta muito mais a população; as economias estão orientadas para o esforço de guerra. O fim das operações militares provoca numerosas dificuldades, econômicas e sociais. (CHENNTOUF, 2010, p. 50).

Os territórios africanos, no período, encontravam-se divididos pelos interesses das potências mundiais capitalistas, principalmente pelo potencial econômico encontrado nessas regiões, em decorrência disso vários territórios tornaram-se zonas de conflitos. Na guerra a Itália, entre todas as potências, realizou pesadas investidas militares a partir da Líbia e Etiópia³².

³² CHENNTOUF, Tayeb. A África na década de conflitos mundiais 1935 - 1945. In: **História Geral da África, Vol. VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 48 – 53.

A reportagem que acompanha a próxima fotografia indica que outro foco do conflito, nesse momento, estava direcionado para a região da Ilha de Creta que permanecia sob o domínio alemão. Nesse contexto as tropas britânicas aparecem adotando uma posição estratégica, dentro do território africano, com relação às possíveis movimentações do exército alemão.

(Pelo Radio) A ilha de Créta, para onde se transferiram o governo grêgo e as tropas anglo-grêgas, está virtualmente em poder das tropas alemãs. A luta prossegue encarniçada, estando toda a população civil em armas, nas linhas de frente, até crianças de 13 anos. Os campos de batalha estão cheios de mortos, apresentando aspecto pavoroso. Acredita-se difícil a retirada da ilha das forças inglesas que lutam ao lado dos grêgos contra as forças invasoras, compostas de paraquedistas e planadores italianos e alemães. (LIDADOR, 1941, ed. 346, p. 8).

Imagem 2 - Bronzeados pelo sol e sorridentes, passeiam pelas ruas de Addis Abeba os soldados britânicos do Próximo Oriente. (<British News Service>, especial para <O Lidador> por via aérea).



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 346, p. 8.

Sobre o aspecto e comportamento dos soldados em relação à situação, todos sorridentes e bronzeados passeando pelas ruas da Capital. A construção dessa percepção sugere uma total desconstrução do sentido da guerra, esses indivíduos foram descritos simplesmente como uma espécie de “turistas” e a incursão das tropas a África apresenta-se como um “passeio”. Uma visão completamente diferente da que encontramos ao ler os relatos dos soldados no *Livro Cartas do Front*, organizado por Andrew Carroll:

Sem dúvida, deve ter pensado que me esqueci completamente de ti. Se tais pensamentos ocuparam tua cabeça, espero que me perdoes, pois estive muito mal. Ainda agora tenho tremores nas mãos. Empreendi fugas maravilhosas. Fui ferido na perna por estilhaços de bombas, mas eram apenas feridas na carne. Algumas vezes, o impacto me arrancava o capacete e logo eu apalpava a cabeça em busca de sangue, porém o mais próximo disso que cheguei foi quando uma bala atingiu meu rosto e cobriu de sangue a túnica, e outra bala arrancou-me todo o cabelo da sobrancelha deixando apenas um pequeno aranhão. Como é estranho ver sangue, nosso próprio sangue, quando você está bem no meio de tudo isso. (CARROLL, 2007, p. 105).

Nesse sentido seria interessante não perder a percepção que os soldados da fotografia apenas “aparentavam” um não envolvimento imediato no combate, pois como a matéria anterior a imagem indica, os campos onde as batalhas eram travadas, naquele momento, estavam em Creta. Assim os britânicos estabeleceram uma parte de suas tropas em Addis Abeba, Capital da Etiópia, com finalidade estratégica, essa medida foi adotada em diversas regiões da África:

A superposição e muito estreita entre os diferentes campos de batalha na “Guerra da África”, suscitando durante três anos prodigiosos esforços, da fronteira algero-tunisiana ate as portas de Alexandria. Para os ingleses, o Egito e um zona estratégica de primeira grandeza, não somente em razão do Canal de Suez mas também em função do seu papel como plataforma de operações para a condução da guerra. Churchill considera necessário defender o Egito como se fossem as regiões de Kent ou Sussex. (CHENNTOUF, 2010, p. 51).

Ainda com relação à notícia divulgada acima, percebemos de modo sutil a menção do envolvimento das crianças na guerra e os aspectos em que estas se encontravam nos campos de batalha para causar certa comoção nos leitores, ou talvez, revolta contra os soldados alemães, descritos como invasores. Cabe ressaltar que os combatentes mencionados, as “crianças”, foram colocados como fazendo parte da “população civil” que diante dos avanços inimigos não teriam alternativas a não ser a própria defesa, assim, acabaram fazendo uso das armas, ao mesmo tempo em que os soldados ingleses aparecem em auxílio às tropas gregas.

Os alemães e seus aliados seriam aqueles que causam a morte de milhares de indivíduos sem nenhuma distinção entre mulheres, crianças e soldados, promovendo verdadeiras carnificinas, destruindo todos os obstáculos em seu caminho. As outras potências aparecem sempre associadas à determinada postura defensiva tentando ao máximo poupar inocentes e diminuir os efeitos colaterais da guerra sobre esse aspecto o filósofo Norberto Bobbio realiza a seguinte reflexão:

Que os grupos revolucionários justifiquem a própria violência considerando-a como uma resposta, a única resposta possível, à violência do Estado é mais que natural. Todo aquele que pôde refletir sobre a contínua presença da violência na história, não obstante a milenar e natural condenação de todas as religiões e de todas as éticas, sabe que o modo mais comum de justificar a própria violência é afirmar que ela é uma resposta, a única resposta possível em dadas circunstâncias, à violência alheia. (BOBBIO, 1999, p. 94).

Através das matérias do jornal, entende-se que as potências mundiais atribuem as suas ações um caráter “justificável”, sempre delegando a responsabilidade das medidas adotadas contra o comportamento perigoso das nações rivais: a guerra seria um meio de encontrar proteção ou defesa frente ao terrível inimigo que ameaça a integridade da paz mundial.

Imagem 3 – Na retirada da Líbia os italianos deixaram atrás de si grandes quantidades de valioso material de guerra. A fotografia mostra soldados britânicos guardando óleo e petróleo deixado pelos italianos. (<British News Service>. especial para <O Lídador>. por via aérea).



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 347, p. 1.

Ainda sob esse aspecto defensivo no plano ideológico onde os britânicos seriam os “heróis”, seus soldados aparecem “guardando óleo e petróleo” alguns dos produtos mais caros e extremamente necessários durante o período de guerra. A utilização do termo “guardar” ao invés de tomou posse ou mesmo conquistou indica essa percepção diferenciada a respeito da postura da Grã-Bretanha.

Entre as fotografias existe uma especialmente interessante, que reforça essa suposta “bondade” inglesa, mostrando a chegada de prisioneiros alemães desembarcando em Londres, para posteriormente serem enviados ao campo de concentração britânico, entretanto esse campo ao qual se refere não possuía relação com o modo de operação alemã sobre seus prisioneiros, a semelhança seria apenas na designação do termo para referir-se a prisão.

O aspecto marcante da imagem seria a percepção de prisioneiros que não parecem estar em tal condição, todos bem vestidos e com expressões faciais tranquilas. Como seria possível permanecer com uma aparência de alguém que não está sujeito às condições do cárcere? Talvez os britânicos tivessem um tratamento especial com relação aos prisioneiros? Ou a foto em questão demonstra uma realidade “montada” para permitir uma visão diferenciada das intenções desses “bondosos” ingleses?

Imagem 15 - A gravura acima reproduz justamente um grupo de pilotos alemães, na sua maioria jovens de menos de 20 anos, ao chegarem prisioneiros a uma das gares londrinas, onde tomariam o trem com destino ao campo de concentração. (BRITISH NEWS SERVICE, especial para o Lidador.)



A gravura acima reproduz justamente um grupo de pilotos alemães, na sua maioria jovens de menos de 20 anos, ao chegarem prisioneiros a uma das gares londrinas, onde tomariam o trem com destino ao campo de concentração. (BRITISH NEWS SERVICE, especial para o Lidador.)

Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 357, p. 1.

O autor responsável pela próxima matéria apresenta o conflito com uma crítica ferrenha. Adeodato Ribeiro, em uma das poucas notícias assinadas, escreveu

que a Segunda Guerra Mundial seria um misto de diversos problemas que afetaram o século XX, reconhecendo também que existia uma noção de maior racionalização e um ideal de progresso que teria perdido seu caráter de elevação do ser humano, a humanidade nesse sentido, ainda permaneceria intimamente influenciada pelo ódio e ignorância.

A Europa atravessa atualmente uma das piores fases: Por toda a parte a guerra, a fome, a miséria...

Dir-se-á que o homem em pleno século XX, século das luzes, da civilização e do progresso, continua a ser máo e sanguinario como o homem pre-historico. No intimo do seu ser ainda perdura o odio, ainda perdura a ignorancia dos tempos longeros...

O mundo inteiro marcha para hecatombe... Em toda a parte da velha Europa o sangue jorra e os cadaveres se amontoam por terra; em toda a parte o luto, as lagrimas e as tristezas das mães, das pobres mães; das irmãs, das esposas e dos filhos... Emfim farfalha a bandeira negra e fatidica da morte, tendo como simbolo uma caveira e como chefe supremo um desalmado-

Adeodato Ribeiro (LIDADOR, 1941, ed. 346, p. 8).

A forma como essa matéria foi escrita proporciona também um análise sobre a associação do período com as ideias positivistas da história, pois à medida que as mudanças aconteceram durante o século XX, houve a formação de uma noção de progresso humano. A partir dessa ideia uma questão difícil emerge: se o “destino” da humanidade era “evoluir”, como poderiam as pessoas daquela época se deparar com tamanha demonstração de violência? Com relação a esse pensamento podemos evocar a crítica mordaz de Benjamin ao discurso histórico positivista do século XIX.

Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. (BENJAMIN, 1987, p. 225).

Esse “progresso” do século XIX, fruto da idealização evolutiva da história, conectado a produção e desenvolvimento das condições materiais, que possibilitariam aos sujeitos históricos alcançar um estado de catarse social, também produziu o seu discurso antagônico, a “barbárie”, que ceifa a noção de evolução enquanto objetivo final da humanidade.

Ligado a esse pensamento estaria à ideia de “barbárie” na matéria de Ribeiro, aparentemente a guerra seria responsável pela distorção dos valores morais da sociedade, resultando em uma análise que reduziria a humanidade a condições

denominadas “pré-históricas”, assim, os indivíduos permaneceriam dominados pela maldade e comandados pelas mãos de um “desalmado”. Quem seria o infame digno de receber tal alcunha? Talvez o mesmo sujeito responsabilizado nas páginas do jornal pelo acontecimento em questão o Führer Adolf Hitler.

Não raras as ocasiões, às reportagens sugerem certa associação dos ingleses a uma ideia de defesa ou manutenção da paz. Sobre esse aspecto podemos destacar a personalidade política mais icônica das fotos o Primeiro Ministro britânico Winston Churchill que em seu cargo de “embaixador da paz”, surge em quatro ocasiões distintas. Sua figura aparece simbolicamente como o representante de um suposto lado “correto” da história, aqueles que defendem os outros países assumindo um comportamento heroico, os ingleses, frente ao inimigo comum, Hitler. Segundo Hobsbawm esse confronto estaria pautado em divergências ideológicas entre as respectivas nações:

Isso era verdade mesmo em relação a pessoas movidas mais por patriotismo do que por ideologia global. Pois mesmo o patriotismo convencional estava agora dividido. Conservadores fortemente imperialistas e anticomunistas como Winston Churchill, e homens de formação reacionária católica como De Gaulle, preferiram combater a Alemanha não por alguma animosidade especial contra o fascismo, mas por causa de *“une certaine idée de la France”* ou “uma certa ideia da Inglaterra”. (HOBSBAWM, 1995, p. 146).

Embora a Alemanha mantivesse uma postura econômica condizente com o capitalismo, seu modo de atuação dividia constantemente as opiniões, Churchill assim como outros de posturas conservadoras posicionavam-se contra o governo alemão, além disso, a ferocidade com que Hitler tratava das questões econômicas e suas ambições com relação às regiões que pretendia retomar ou conquistar, desagradava as demais potências. Como se pudessemos esquecer a “selvageria” do capitalismo imperialista inglês, sobretudo na África, no século passado e no início do XX³³.

Nas imagens Winston Churchill estaria em companhia das figuras de relevância no contexto da guerra, generais ou políticos influentes nas deliberações “defensivas” inglesas, assim como representantes de outras potências mundiais responsáveis pelas decisões e direcionamento dos embates. Nos momentos

³³ CHENNTOUF, Tayeb. A África na década de conflitos mundiais 1935 - 1945. In: **História Geral da África, Vol. VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 48 – 53.

retratados abaixo o Ministro estava respectivamente envolvido em suas obrigações, inspecionando a capacidade e qualidade dos armamentos, veículos de combate e do exército britânico na execução das demonstrações de poderio bélico. Também notamos que as fotos sugerem Winston Churchill como diplomata que dialoga com os líderes de outros países e que é ouvido por eles.

Imagem 5 - Mr. Winston Churchill, Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, assiste a uma demonstração das capacidades dos varios veículos de combate do Exército Britânico. Com êle encontra-se o General de Gaulle (à direita), General em Chefe das forças francesas livres e o General Sikorski, General em Chefe das forças polonesas. (<British News Service>, especial para <O Lidador>, por via aérea).



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 347, p. 6.

A respeito da imagem é interessante perceber como em seu contexto existem cenas que não podem ser observadas. A legenda nos indica a existência de diversos veículos do exército britânico, todos preparados para o combate, apresentando-se ao Primeiro Ministro e demais figuras, porém não conseguimos captar esse aparato técnico utilizado pelos soldados, apenas constatamos a predominância dos militares em cena, a maioria com uniformes que indicavam a alta patente e alguns olhares atentos contemplando a capacidade dos veículos que não podemos ver.

Imagem 12 – CHURCHIL INSPECIONA AS DEFESAS DA INGLATERRA. O primeiro Ministro, acompanhado por Sir Alan Brooke (Comandante em Chefe das Forças de Defesa Nacional). Capitão Margesson (Secretário do Estado da Guerra) e majorias do Exército e da Marinha, assiste a uma demonstração de medidas de defesa das costas inglesas. BRITISH NEWS SERVICE (Especial para O Lidador)



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 355, p. 2.

Do mesmo modo que comentamos sobre a imagem anterior, novamente temos uma legenda referente ao contexto, ressaltando o poderio bélico britânico, mas que na prática não proporciona ao observador essa experiência ou percepção. Permanecemos então com a seriedade de Churchill em suas inspeções ao exército e marinha nacional, sempre acompanhado de outros representantes do cenário político e militar.

Imagem 21 – Mrs. Winston Churchill, em palestra com o Almirante Muselier comandante em chefe da esquadra de franceses livres que obedece às ordens do general de Gaulle. (Especial para O LIDADOR)



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 363, p. 1.

Em ambiente aparentemente mais descontraído, como denota o semblante dos indivíduos na imagem, entretanto onde a ideia de formalidade permanecia muito presente, Churchill figura entre os participantes e representantes políticos dessa palestra. Um detalhe interessante seria a presença feminina algo muito raro nas fotografias referentes à guerra encontradas nas páginas do jornal.

A próxima fotografia poderia trazer uma perspectiva mais ampla do ambiente, não se limitando apenas ao Ministro britânico e sua respectiva companhia do âmbito político. Mas houve nesse aspecto um problema, pois o desgaste da página do jornal não permitiu que enxergássemos a imagem em sua totalidade, nesse sentido, o desfile ao qual a legenda refere-se também não pode ser visualizado ou analisado.

Imagem 22 - A fotografia acima mostra o Primeiro Ministro Churchill e o Presidente Benès. no palanque oficial, apreciando o desfile das tropas tchecas concentradas na Inglaterra. (British News Service para O Lidador:)



A fotografia acima mostra o Primeiro Ministro Churchill e o Presidente Benès. no palanque oficial, apreciando o desfile das tropas tchecas concentradas na Inglaterra. (British News Service para O Lidador:)

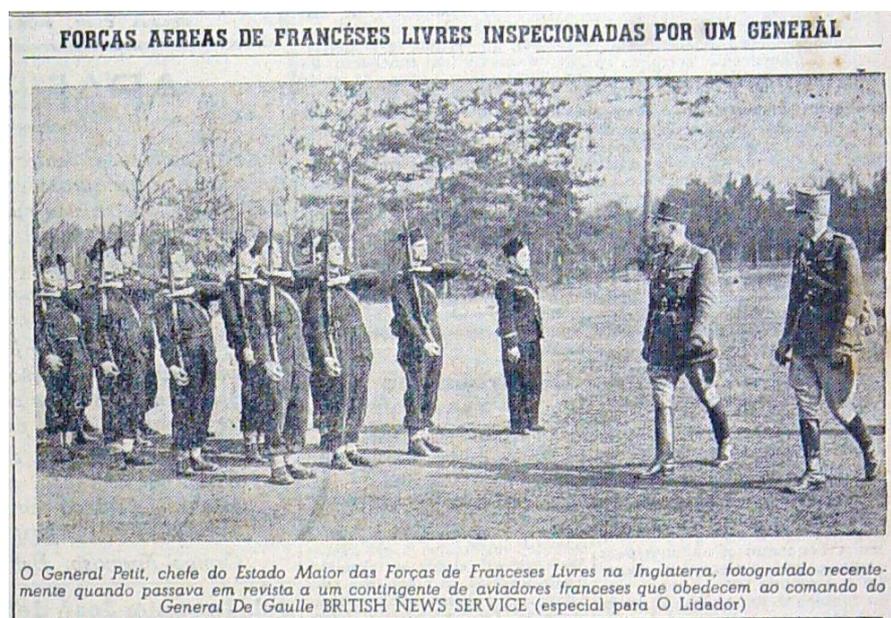
Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 364, 1.

A sua função, como Primeiro Ministro, cargo de destaque com obrigações ou implicações diplomáticas favoreceu o aparecimento de Churchill em variadas ocasiões e eventos. Entre todas as fotos sobre o período da guerra publicadas no *Lidador* a sua presença foi marcante com relação às personalidades públicas com vinculação ao governo.

Outros personagens de destaque no cenário político, encontrados nos jornais, estariam atrelados em sua maioria aos encargos ingleses ou fazendo parte do grupo aliado, representando certa relevância no âmbito das deliberações militares estratégicas sobre a guerra e nesse sentido protegidos de morrer no front por suas respectivas patentes, como o General Petit Chefe do Estado Maior das Forças Francesas, o General Sir Allan Brooke que aparece sozinho em seu gabinete, e o vice Almirante Sir George Lyon, nomeado para Comandante em Chefe da Marinha inglesa.

Imagem 16 – FORÇAS AEREAS DE FRANCÊSES LIVRES INSPECIONADAS POR UM GENERAL

O General Petit, chefe do Estado Maior das Forças de Franceses Livres na Inglaterra, fotografado recentemente quando passava em revista a um contingente de aviadores franceses que obedecem ao comando do General De Gaulle BRITISH NEWS SERVICE (especial para O Lidador)



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 358, 1.

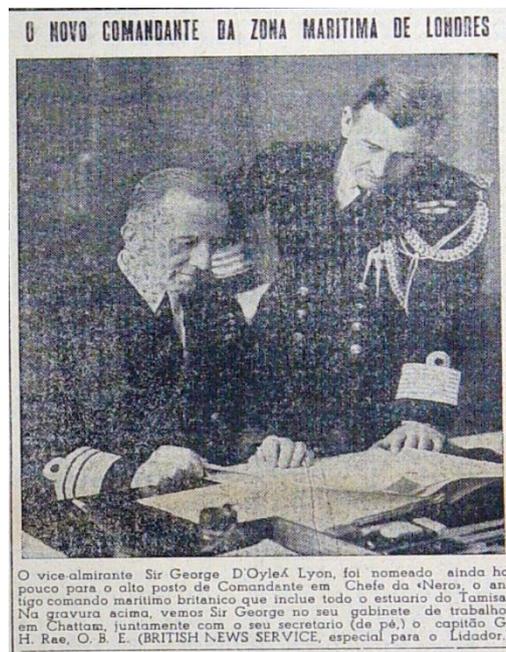
Imagem 18 - O General Sir Allan Brooke, Comandante em Chefe das Forças Internas Britânicas, e encarregado de todas as medidas adotadas para a defesa das Ilhas Britânicas. (British New Service para <O Lidador>).



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 360, p. 4.

Imagem 13 – O NOVO COMANDANTE DA ZONA MARITIMA DE LONDRES

O vice-almirante Sir George D'Oyley Lyon, foi nomeado ainda ha pouco para o alto posto de Comandante em Chefe da <Nero>, o antigo comandante marítimo britânico que inclui todo o estuário do Tamisa. Na gravura acima, vemos Sir George no seu gabinete de trabalho, em Chattam, juntamente com seu secretario (de pé,) o capitão G. H. Rae O. B. E. (BRITISH NEWS SERVICE, especial para o Lidador.)



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 356, 1.

O cargo de Churchill, assim como os demais anteriormente citados, estaria em uma posição delicada do poder. Ao analisar as ponderações de Hobsbawm podemos perceber que as medidas adotadas por esses personagens deveriam condizer com sua forma de atuação, uma vez que essa situação fosse hipoteticamente invertida poderia ocasionar sérias complicações para aqueles que ocupam esses postos mais elevados na hierarquia estatal ou militar.

Ao ir para Londres e declarar, em 18 de junho de 1940, que sob ele a “Franca Livre” continuaria a combater a Alemanha, Charles de Gaulle estava praticando um ato de rebelião contra o governo legítimo da França, que decidira constitucionalmente encerrar a guerra, e fora quase sem duvida apoiado nessa decisão pela grande maioria dos franceses da época. Sem duvida Churchill, em tal situação, teria reagido do mesmo jeito. Se a Alemanha houvesse ganhado a guerra, ele teria sido tratado por seu governo como traidor, como os russos que lutaram ao lado dos alemães contra a **URSS** foram tratados por seu país depois de 1945. (HOBSBAWM, 1994, p. 147).

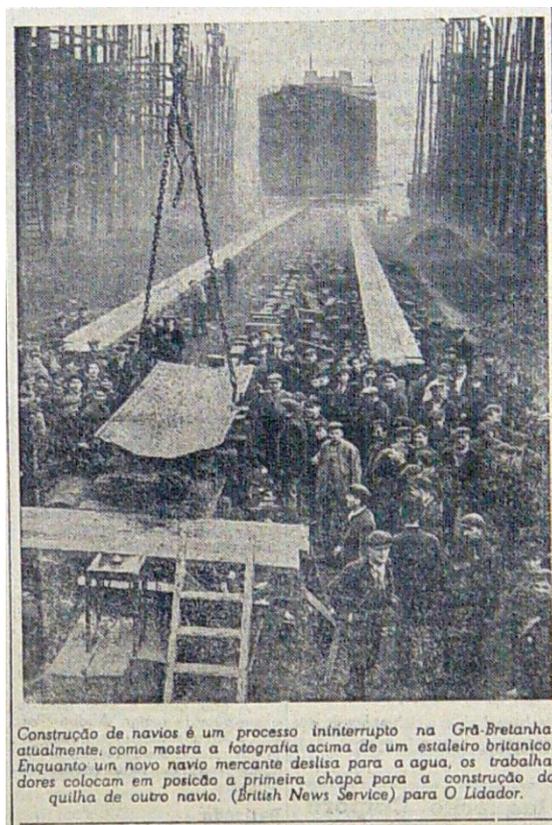
Outra questão suscitada pelas imagens refere-se à utilização dos aparatos técnicos na guerra, como no período havia uma grande preocupação com o desenvolvimento de equipamentos especializados, para utilização dentro e fora dos campos de batalha, apareceram algumas cenas referentes à produção de aviões, a construção naval e com relação à especialização de pessoas com intuito de operar os sistemas de comunicações, para garantir certa eficiência quando fosse necessário fazer uso destes instrumentos. A respeito da utilização da tecnologia a partir da revolução técnica utilizamos a análise de Sevcenko:

Tomamos como nosso ponto de referência mais distante a Revolução Científico-Tecnológica de 1870 e pudemos acompanhar seus desdobramentos que, em direção ao final do século XX, foram se tornando progressivamente mais acelerados, intensos e dramáticos. Se compusermos um quadro amplo de como esse efeito atua, verificamos que as mudanças dos mecanismos e processos técnicos, num primeiro momento e de forma mais direta, ampliam os potenciais produtivos de dado sistema econômico, seja aumentando sua capacidade de produção e consumo, seja multiplicando suas riquezas, representadas pelos fluxos de recursos humanos, conhecimentos, equipamentos, mercadorias e capitais. (SEVCENKO, 2001, p. 59).

No segundo momento esse caráter científico tecnologia, passaria a assumir uma proporção cada vez maior, incorporado nas dinâmicas do cotidiano social desses indivíduos, com isso proporcionando um rápido crescimento dos meios de produção, “assim como as inovações tecnológicas alteram as estruturas econômica, social e política, mudam ao mesmo tempo a condição de vida das pessoas e as rotinas do seu cotidiano³⁴”.

³⁴ SEVCENKO, Nicolau. Máquinas, massas, percepções e mentes. In: A Corrida para o século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 60 – 61.

Imagem 9 - Construção de navios é um processo ininterrupto na Grã-Bretanha, atualmente, como mostra a fotografia acima de um estaleiro britânico: Enquanto um novo navio mercante desliza para a água, os trabalhadores colocam em posição a primeira chapa para a construção da quilha de outro navio. (British News Service) para O Lídador.



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 351, p. 1.

Essa foi à única figura referente à construção naval encontrada no periódico, outro aspecto interessante que pode ser observado é a predominância em grande quantidade da população civil que trabalhava na manutenção e construção dessas embarcações, que também seriam utilizadas durante a Segunda Guerra Mundial. Essa fabricação ininterrupta de navios seria parte do paradigma “moderno” onde o homem sujeita seu ritmo de trabalho ao exigido pelas máquinas:

Esse controle tecnológico pleno do ambiente em que vivem as pessoas acaba, por conseqüência, alterando seus comportamentos. Nessa sociedade altamente mecanizada, são os homens e mulheres que devem se adaptar ao ritmo e à aceleração das máquinas e não o contrário (SEVCENKO, 2001, p. 62).

No tocante aos conflitos travados no oceano, foram divulgadas poucas imagens pelo jornal uma delas referente ao arriscado trabalho de encontrar e desarmar minas aquáticas, visando manter as rotas seguras. Os avanços pelo mar ainda que possibilitassem certa mobilidade deveriam ser realizados com muita cautela pela grande quantidade de problemas enfrentados nessas circunstâncias.

Imagem 23 – Uma das mais perigosas tarefas da guerra marítima é a que recai sobre os caça-minas, ingleses, pequenas unidades cujos tripulantes enfrentam continuamente a morte, durante o seu trabalho de livrar as rotas marítimas das traiçoeiras minas Alemãs. A fotografia acima mostra exatamente uma flotilha desses caça-minas ao partir para mar alto lusco-fusco da madrugada. (British News Service, para *O Lídador*.)



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 365, 1.

A próxima fotografia mostra o primeiro oficial inglês fazendo uso dos aparatos técnicos e dos seus conhecimentos que lhe permitiu o direcionamento e cálculo da trajetória que a embarcação, o “destroyer”, deveria seguir. Enquanto esse serviço era realizado o comandante utilizava seu acessório, um espelho embaçado, para procurar sinais do inimigo, que poderia utilizar o sol para estabelecer sua camuflagem e atacar rapidamente a embarcação.

Imagem 14 – Na Ponte de Comando de um Destroyer Britânico

Na A fotografia mostra o primeiro oficial de um <destroyer> da marinha inglesa consultando a bússula, enquanto o comandante, com o auxílio de uma lente embaçada, procura descobrir a aproximação de aviões inimigos, que voam à favor do sol para mais facilmente se ocultarem da unidades britânicas.



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 356, p. 4.

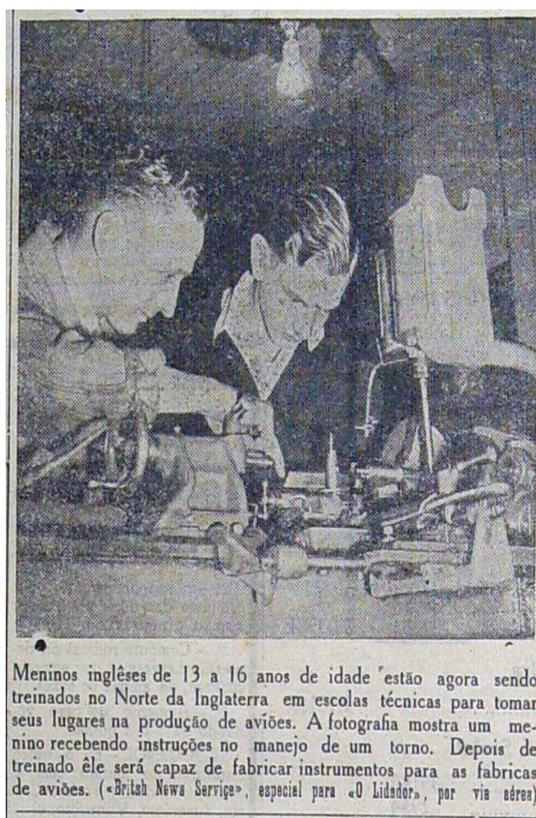
Havia uma grande movimentação em torno das produções navais, também da construção de aviões que alimentavam o potencial bélico das nações. No caso britânico especialmente houve a formação de uma forte força aérea a RAF (Royal Air Force) que permitia o combate em igualdade com as forças alemãs de combate aéreo denominada de Luftwaffe.

Essas imagens sobre a temática aviação, encontradas no Lidador, destacavam ou indicavam a relevância dos combates aéreos, afinal esses equipamentos proporcionavam uma rapidez impressionante aos movimentos de

guerra, possibilitavam também maior alcance e capacidade de destruição, devido a esses fatores tornaram-se instrumentos utilizados amplamente nos ataques às cidades durante os bombardeios da Segunda Guerra.

Na foto abaixo vemos a utilização do potencial juvenil em treinamento, com a finalidade de mobilização desses indivíduos para fabricação de instrumentos relacionados à aviação. Considerando que a guerra estava em curso e levava consigo boa parte do potencial humano, seria extremamente importante manter um fluxo de mão-de-obra para permitir o pleno funcionamento das indústrias.

Imagem 6 - Meninos ingleses de 13 a 16 anos de idade estão agora sendo treinados no Norte da Inglaterra em escolas técnicas para tomar seus lugares na produção de aviões. A fotografia mostra um menino recebendo instruções no manejo de um torno. Depois de treinado ele será capaz de fabricar instrumentos para as fabricas de aviões. (<British News Service>, especial para <O Lidador>, por via aérea)



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 348, p. 4.

As fotografias da guerra aérea serviam amplamente como “armas” utilizadas nos ataques ideológicos dentro das notícias divulgadas no jornal. Em todas as ocasiões foram empregadas com a finalidade de exaltar o poderio militar britânico, em detrimento, tratavam dos aviões alemães abatidos facilmente nas investidas de

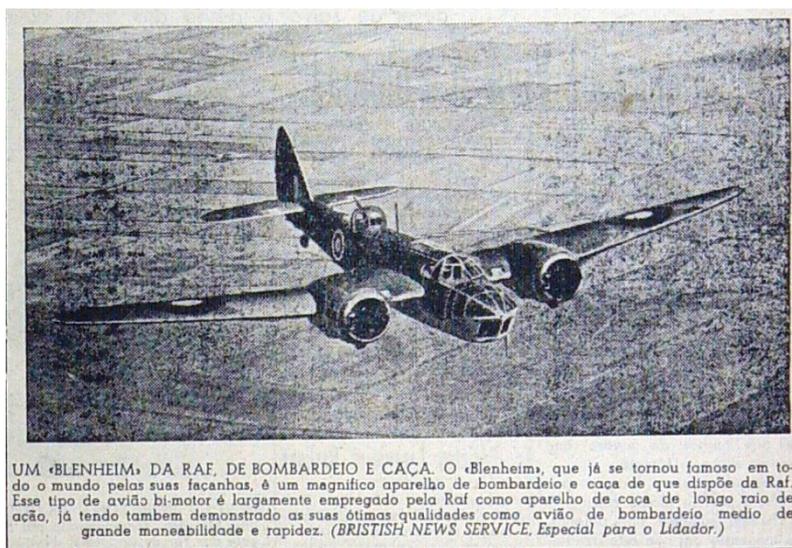
guerra e exaltavam constantemente os treinamentos realizados pela aviação britânica com o intuito de formar novos pilotos.

Imagem 10 - Um dos Heinkels III derrubado pelas forças britânicas nas recentes batalhas no Próximo Oriente. (British News Service) Especial para <O Lídador> por via aérea.)



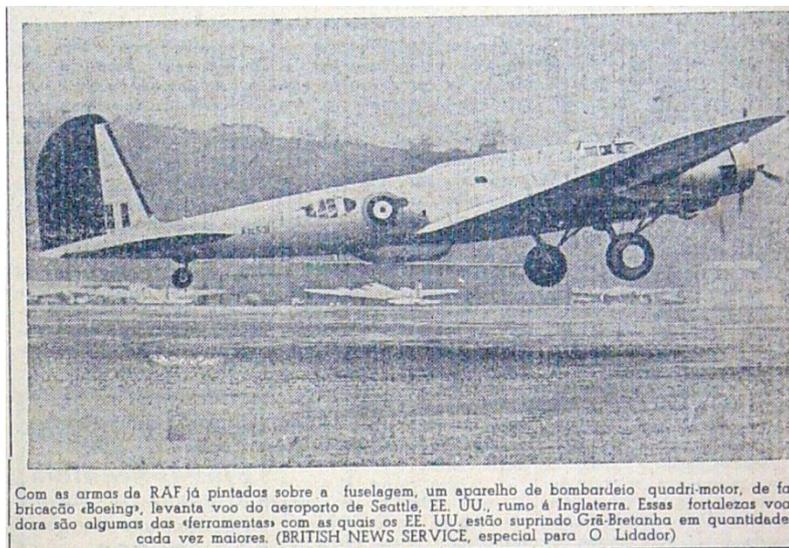
Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 352, p. 1.

Imagem 11 - Um <BLENHEIM> DA RAF DE BOMBARDEIO E CAÇA. O <Blenheim>, que já se tornou famoso em todo o mundo pelas suas façanhas, é um magnífico aparelho de bombardeio e caça de que dispõe a Raf. Esse tipo de avião bi-motor é largamente empregado pela Raf como aparelho de caça de longo raio de ação, já tendo também demonstrado as suas ótimas qualidades como avião de bombardeio médio de grande manobrabilidade e rapidez. (BRITISH NEWS SERVICE. Especial para o Lídador.)



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 355, p. 1.

Imagem 20 - Com as armas da Raf já pintadas sobre a fuselagem, um aparelho de bombardeio quadri-motor, de fabricação <Boeing>, levanta voo do aeroporto de Seattle, EE. UU., rumo á Inglaterra. Essas fortalezas voadoras são algumas das <ferramentas> com as quais os EE. UU. estão suprindo Grã-Bretanha em quantidades cada vez maiores. (BRITISH NEWS SERVICE, especial para O Lidador)



Com as armas da RAF já pintadas sobre a fuselagem, um aparelho de bombardeio quadri-motor, de fabricação <Boeing>, levanta voo do aeroporto de Seattle, EE. UU., rumo á Inglaterra. Essas fortalezas voadoras são algumas das <ferramentas> com as quais os EE. UU. estão suprindo Grã-Bretanha em quantidades cada vez maiores. (BRITISH NEWS SERVICE, especial para O Lidador)

Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 362, p. 1.

Imagem 24 - Um que não voará mais sôbre as cidades britânicas. A ossatura carbonizada de um bombardeio alemão "JU 88", abatido pelos caças noturnos da Raf sôbre a costa nordeste da Inglaterra. Dois dos seus tripulantes morreram na quêda, enquanto os outros dois foram recolhidos a um hospital inglês onde ainda se encontram em tratamento.



Um que não voará mais sôbre as cidades britânicas. A ossatura carbonizada de um bombardeio alemão "JU 88", abatido pelos caças noturnos da Raf sôbre a costa nordeste da Inglaterra. Dois dos seus tripulantes morreram na quêda, enquanto os outros dois foram recolhidos a um hospital inglês onde ainda se encontram em tratamento.

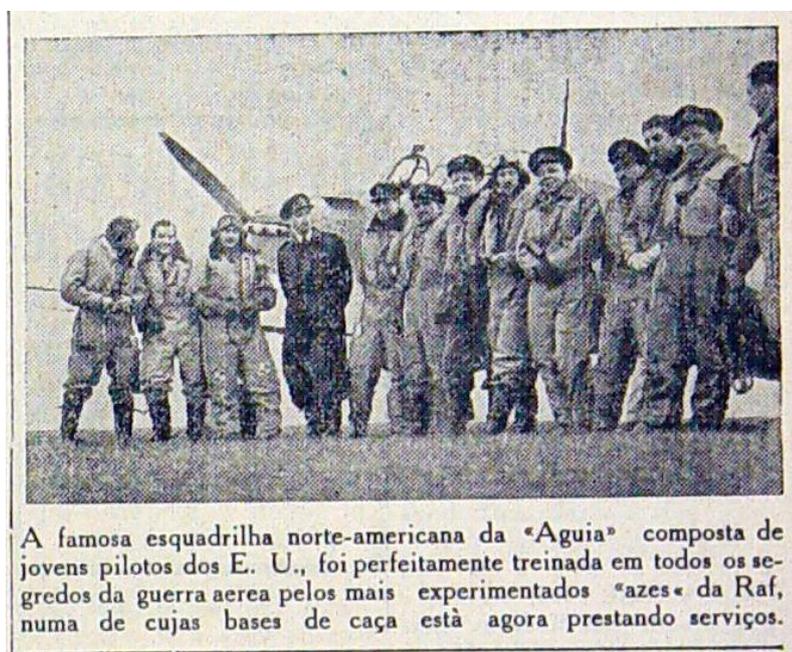
Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 368, p. 1.

Imagem 4 – Um contingente de aviadores australiano fotografados quando partiam para o Canadá com o fim de completar o seu treino como aviadores. Muitos pilotos e técnicos de aviação tem vindo para Inglaterra de toda a parte do Bristish Comonwealth. (British Ns. Service



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 350, p. 1.

Imagem 17 – A famosa esquadrilha norte-americana da <Aguia> composta de jovens pilotos dos E. U., foi perfeitamente treinada em todos os segredos da guerra aérea pelos mais experimentados <azes> da Raf, numa de cujas bases de caça está agora prestando serviços.



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 359, 1.

Para operar esses equipamentos seria necessário o treinamento dos indivíduos, possibilitando a obtenção do efetivo manuseio desses aparelhos, além de uma capacitação específica em relação às técnicas de combate. Nesse contexto

ocorre essa exaltação exacerbada da qualidade de ensino britânica, sobre esses procedimentos, com os pilotos da Raf (Royal Air Force) educando a esquadrilha norte-americana conhecida pela denominação “Águia”.

A última imagem escolhida para análise possui um destaque especial por ser a única encontrada que proporciona uma pequena visibilidade sobre a participação feminina no contexto. Lembrando que não raras as ocasiões à guerra apareceu representada na historiografia como uma atividade que envolve majoritariamente o potencial humano do gênero masculino, ressaltamos assim, essa participação feminina no comando de atividades de extrema importância para a manutenção do conflito.

Imagem 4 - Uma telefonista ensina os sinaleiros do exercito - A fotografia mostra um homem do Corpo Real de Sinaleiros do Exército Britânico recebendo instruções de uma telefonista no trabalho de ligações telefônicas. (<British News Service>, especial para <O Lídador>, por via aérea).



Fonte: O LIDADOR, 1941, ed. 347, p. 6.

Nas reportagens e fotografias analisadas ocorre uma forte sugestão tendenciosa sempre que um ataque alemão aparece como notícia em destaque, surgem vítimas dessa guerra cruel, os números de mortos aparecem na contagem como mulheres, crianças ou jovens, como sujeitos que foram atacados pela terrível força alemã. O propósito dessa discussão, não seria deixar transparecer que o exército do Führer adotasse uma postura mais ou menos cruel que os outros soldados sob o comando das demais nações, devemos antes compreender que em

tempos de combate pessoas inocentes foram mortas o problema seria o caráter unilateral nesse discurso.

Pois em diversas ocasiões quando os Ingleses são mencionados em ofensivas militares, quase sempre os britânicos aparecem com uma postura de proteção, socorro ou auxílio, seriam eles os heróis da nossa trama? Quando as forças militares atacavam aparentemente eles destruíam aviões, armas, navios, submarinos, as pessoas “inocentes” nunca sofreram com isso. Poderia ser que os ingleses fossem os mais preparados para o combate e saberiam exatamente onde atacar evitando ao máximo qualquer baixa civil? Seus aparelhos de guerra conseguiriam tamanha precisão?

Não devemos cometer o equívoco de analisar o período de maneira anacrônica, esse modo de seleção das notícias proporciona pensar que Jacobina estava sujeita principalmente as matérias derivadas de Londres, nesse sentido o posicionamento político sobre o combate apresenta essa forma tendenciosa de olhar o inimigo como o “monstro” dentro da história. Segundo Benjamin a ideia de vitória em uma guerra muda a maneira como conseguimos percebê-la, embora em 1941 nada estivesse tão bem definido, aqueles que se proclamavam vitoriosos construam sua própria visão do conflito:

Ganhar ou perder uma guerra, segundo a lógica da linguagem, é algo que penetra tão fundo em nossa existência que nos torna, para sempre, mais ricos ou mais pobres em quadros, imagens, invenções. Pode-se avaliar o que essa perda significa se levarmos em conta que perdemos uma das maiores guerras da história, uma guerra vinculada a toda a substância material e espiritual do povo. (BENJAMIN, 1987, p. 65).

Acima de qualquer embate armado ou disputa ideológico, entre nações que utilizavam a mídia com a pretensão de elaboração das suas verdades, a guerra em si não nos permite o ideal pleno de vitória, exceto nas imagens construídas posteriormente que denotam essa percepção. Na prática vencer ou perder implica em derrota no âmbito material e principalmente em qualquer ideal de existência do caráter humano.

Portanto mesmo delineando um “inimigo”, assaz perigoso, cruel, quase rotulado como a personificação da maldade, cuja face seria representada pelo único responsável pela desordem e destruição sem sentido o ditador alemão Adolf Hitler, cuja sombra do poder, assim como suas decisões se estenderia por todas as

instâncias da guerra alcançando enorme repercussão internacional. Isso contribuiu significativamente para a construção de uma ideia estereotipada do povo alemão, entretanto também não devemos retirar deles a responsabilidade pela sua participação, na violenta, Segunda Guerra Mundial.

Considerações Finais

A Segunda Guerra Mundial se constituiu enquanto um dos grandes acontecimentos históricos, que envolveu uma série de aspectos, econômicos, políticos e sociais. A influência marcante desse evento se estende a nossa contemporaneidade, mesmo que diversos historiadores tenham feito dela seu objeto de estudo, essa temática estaria longe de ser considerada completamente esgotada.

Pensando dessa forma o meio acadêmico atualmente procura auxiliar no desenvolvimento de trabalhos que ampliem o campo de estudo a respeito dos acontecimentos, pois a historiografia não se resume a eventos acabados. O conhecimento histórico seria uma construção contínua, onde cada presente procura sua maneira de entendimento em relação ao passado.

Seguindo principalmente os ensinamentos do filósofo Walter Benjamin a respeito da construção histórica, que envolve a idealização de como o historiador e pesquisador deve exercer o seu ofício, através da compreensão do passado, fazendo com que o mesmo mantenha o diálogo e importância para o tempo presente, conduzimos nossa análise a respeito do período.

Muitas construções historiográficas atuais foram marcadas pela percepção unilateral dos acontecimentos, essa seria a visão dos “vencedores”, aqueles que escrevem sobre si e conseqüentemente terminam surgindo como as figuras mais importantes os “heróis” do conflito mundial, em oposição aos “vilões” que empreenderam campanhas de conquistas extremamente brutais.

O século XX representa a temporalidade dos acontecimentos, o período em questão poderia ser representado como um misto de diversos fatores que resultaram em sucessivas mudanças históricas, porém, como foi explicitado, essas transformações não seguem uma organização lógica, exatamente definida, a guerra mudou a dinâmica das relações humanas, assim como, a utilização da tecnologia que invadiu significativamente todos os espaços.

Ainda sobre temporalidade estabelecemos dois momentos, o ponto de partida inicial 1939, fazendo um panorama a respeito da expectativa em relação à guerra, até o momento de sua eclosão. No segundo nível de percepção adentramos em 1941 onde textos e imagens nos permitiram realizar um estudo sobre a

construção dos discursos noticiados nas páginas do Jornal *O Lيدador* a respeito da Segunda Guerra Mundial.

O espaço ao qual a pesquisa utilizou para seu desenvolvimento não permaneceu estático ou limitado à medida que as ideias foram apresentadas transitamos por alguns cenários, contudo as visualizações destes não seriam o objetivo primordial e sim analisar e estabelecer a discussão a respeito dos ideais existentes nas notícias do jornal entre texto e imagens.

Assim inicialmente a guerra aparece como algo próximo, Hitler seria considerado o principal responsável pelos acontecimentos, não havendo alternativa a não ser a união das outras nações contra a Alemanha. Essa visão unilateral que perdurou por bastante tempo, colocava os nazistas como “vilões” e os britânicos como “heróis” construindo uma visão estereotipada dos eventos.

Nesse sentido percebemos que a participação das nações no embate e a união das mesmas para enfrentar o inimigo em comum, seria apenas parte do jogo político, onde se atribuiu a “justificativa” para o enfrentamento das respectivas potências envolvidas na guerra, através de discursos com “efeitos de verdades”.

Essas questões estariam contidas nos discursos ideológicos exaltados. Demonstramos então que o mesmo não seria de uso exclusivo britânicos, levando em consideração que as demais potências, também, construíram sua percepção ideológica do conflito como a Alemanha que utilizou do cinema para a divulgação dos ideais nazistas.

Portanto o jornal torna-se instrumento do poder, como nos ensina Foucault, para divulgação de uma determinada verdade que seria fruto dos discursos elaborados historicamente no interior das nações, resultando em ideologias que fomentaram a mídia mundial durante todo o período em que ocorreu a Segunda Guerra.

O desenvolvimento desse trabalho inicial sobre A Segunda Guerra Mundial foi proveitoso, entretanto não está acabado, existem lacunas e com ela a possibilidade de continuação dessa pesquisa, a partir da utilização de novas fontes, que contribuiriam de forma significativa, como por exemplo, os periódicos que circularam na cidade de Salvador durante o período, seria possível estudar a percepção da

guerra que circulava nessas notícias, tentando estabelecer um paralelo com o discurso do jornal jacobinense.

Fontes:

MENEZES, Adriano. OLIVEIRA, Valter. O Lidador (1933-1943). In: **Acervos Digitalizados da Microrregião de Jacobina**. DVD. Jacobina: Uneb, 2010.

RIEFENSTHAL, Leni. **O Triunfo da Vontade**. [Filme-vídeo]. Produção e Direção de Leni Riefensthal. Alemanha: Partido Nacional Socialista Alemão (NSDAP), 1936, 110 min. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=IAi7UnXp9Aw> Acesso: 13/09/2013.

HITLER, Adolf. **Mein Kampf**. São Paulo: Moraes, 1983. Disponível em: <http://www.radioislam.org/historia/hitler/mkampf/pdf/por.pdf> Acesso: 20/09/2013.

Referências:

AGAMBEN, Giorgi. O Dia do Juízo. In: **Profanações**. Tradução: Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 27 - 30.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio Sobre a Literatura e História da Cultura**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 3ª Edição Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 61 - 72; 165 - 196; 222 - 232.

BOBBIO, Norberto. **As Ideologias e o Poder em Crise**. Tradução: João Ferreira. 4ª Edição. Brasília: UnB, 1999, p. 93 - 102.

BORGES, Gabriela. “**A BBC fala e o mundo acredita**”: o serviço brasileiro da BBC e a qualidade do jornalismo. N. 16. São Paulo: Revista Galáxia, 2008, p. 151-155.

BRANT, Joseph E. **Segredos da Guerra Psicológica: Reminiscências da 2ª Guerra Mundial**. 2001, p. 10 - 48.

CARROL, Andrew. **Cartas do Front: Relatos emocionantes da vida na guerra**. Tradução de Sérgio Lopez. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2007, p. 105 – 107.

CHENNTOUF, Tayeb. A África na década de conflitos mundiais 1935 - 1945. In: **História Geral da África, Vol. VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 48 – 53.

DRUMMOND, Washington. SAMPAIO, Alan. Crítica cultural e Educação Básica: Diagnósticos, proposições e novos agenciamentos. Cosme Batista Santos; Paulo César Souza Garcia; Roberto Henrique Org(s). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 91 – 101.

DRUMMOND, Washington. **Pierre Verger, do heroísmo ao espetáculo**. Rio de Janeiro: I ENANPARQ, 2010, p. 01 – 19.

FILHO, Ciro Marcondes. Introdução. In: **O capital da Notícia: Jornalismo como Produção Social da Segunda Natureza**. São Paulo: Ática, 1986, p.11 - 55.

FLUSSER, Vilém. A imagem técnica. In: **Filosofia da caixa preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985, p. 07 – 17.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HOBBSAWN, Eric John Ernest. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991, p. 11 – 60; 90 – 112.

MAGNOLI, Demétrio. Organizador. **História das guerras**. 3ª Edição. São Paulo: Contexto, 2006, p. 355 - 390.

MENEZES, Adriano. OLIVEIRA, Valter. A Imprensa Verde-Amarela no Piemonte da Chapada Diamantina. In: **Culturas Urbanas na Bahia: Estudos sobre Jacobina e região**. Salvador: EDUNEB, 2009, p. 81 - 107.

SEVCENKO, Nicolau. **A Corrida para o século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 11 - 82.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2ª Edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009, p. 205 - 209.

Sites:

<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=291750&search=bahia|jacobina|infograficos:-dados-gerais-do-municipio> Acesso: 18/10/2013.